

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



PETS

**CONTOS E POEMAS
SOBRE ANIMAIS DE
ESTIMAÇÃO**

VOL. III



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-25723-5

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- MEUS GATOS, POR ADRIANA RUIS, PÁG. 05
CONTRASTE, POR AMANDA PESSOA, PÁG. 07
LUKE, POR CLEUNÉIA MELO, PÁG. 09
BADÚ, POR CLEUNÉIA MELO, PÁG. 11
À BRIE, POR CQP, PÁG. 13
OS PASTORES, POR FAUSTO ROBERTO VEDDOY BARCELLOS, PÁG. 15
AMIGOS DE ESTIMAÇÃO, POR MEIRE MARION, PÁG. 17
CONEXÃO ANIMAL, POR MÔNICA ERICHSEN, PÁG. 19
GATO INGRATO, POR NATASCHA DUARTE, PÁG. 23
CACHORRÃO PRETO, POR NATASCHA DUARTE, PÁG. 26
A CORUJA DA BRUXA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 29
APOLOGIA À MIGUELITA, POR NÍNIVE DANIELA GUIMARÃES PIGNATARI, PÁG. 35
ALFREDINHO E A SUA NAMORADINHA COR DE ROSA, POR RAIMUNDINHA MELO, PÁG.
40
A MENINA E A TAMANDUÁ, POR RAIMUNDINHA MELO, PÁG. 42
PAPAGAIO, POR RICARDO FRANÇA DE GUSMÃO, PÁG. 45
KEI KEI E SUAS EXPLICAÇÕES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 49
KEI KEI E SUA PROVOCAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 52
KEI KEI E O BEIJA-FLOR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54
KEI KEI E O JORNALEIRO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 56
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 58

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

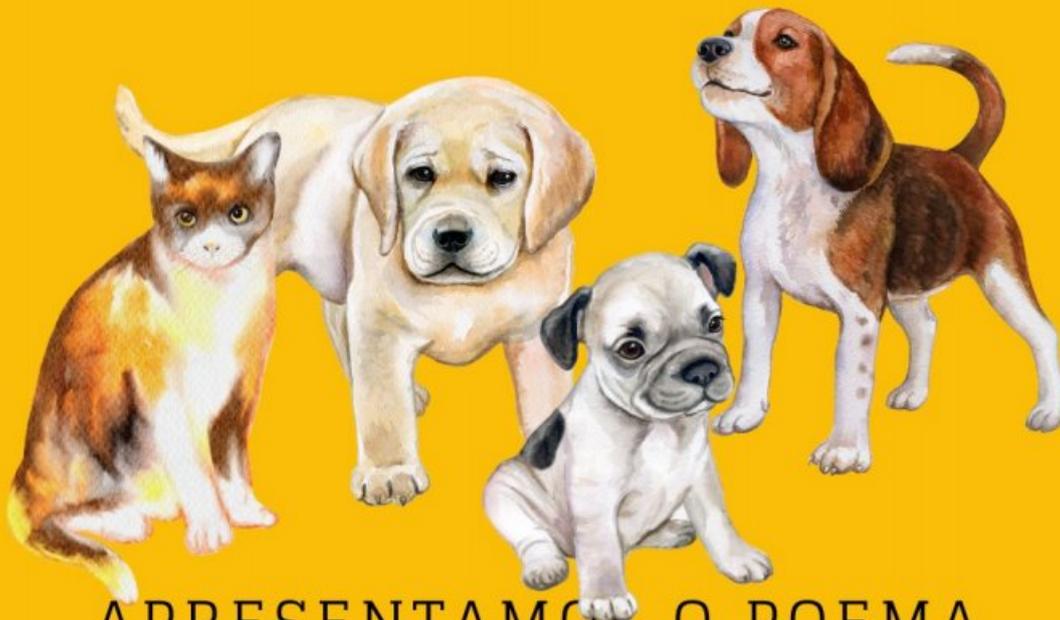


PETS

**CONTOS E POEMAS
SOBRE ANIMAIS DE
ESTIMAÇÃO**

VOL. III





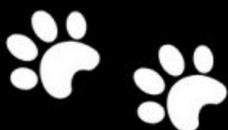
APRESENTAMOS O POEMA

MEUS GATOS

POR ADRIANA RUIS



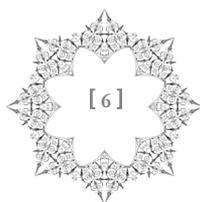
ADRIANA RUIS, PAULISTANA, RESIDENTE EM SÃO PAULO – SP, FUNCIONÁRIA PÚBLICA MUNICIPAL, DESCOBRIU A PAIXÃO POR ESCREVER POESIAS EM ABRIL DE 2020, SUA PRIMEIRA POESIA FOI INSPIRADA PELA OBRA “SONETO DE FIDELIDADE” DE VINÍCIUS DE MORAIS, PARTICIPOU DE MAIS DE 30 ANTOLOGIAS POÉTICAS.

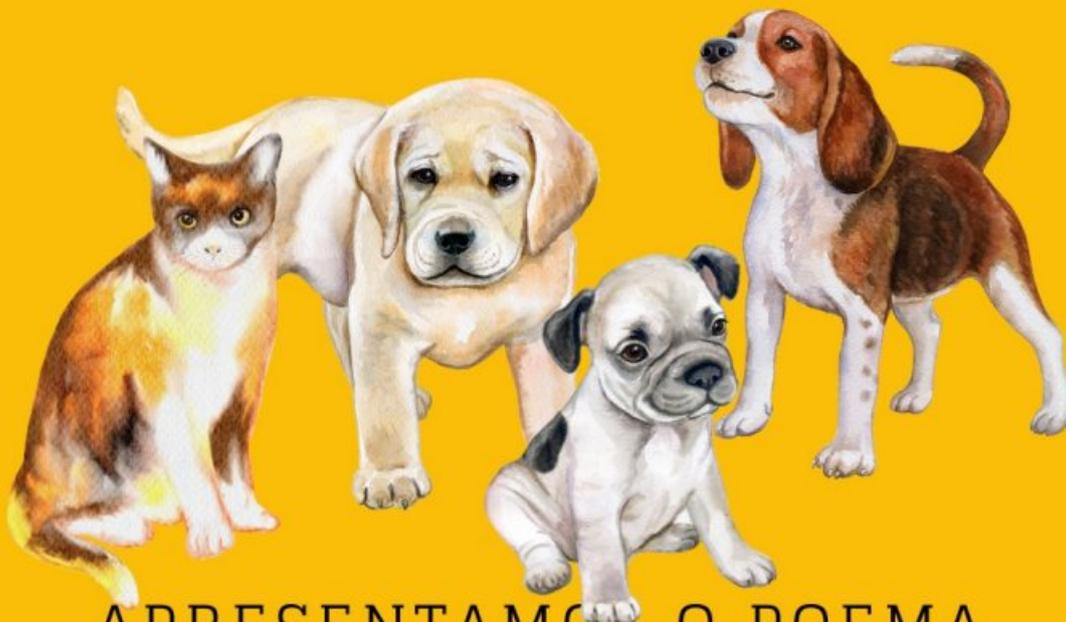


Tenho um gato preto
E outra gata amarronzada
São belos como prata
E espertos como macacos-prego

Exalam amor colossal
Uma ternura bem real
No meu coração são eternos
Porquanto extremamente ternos

Espero que vivam bastante
E, com suas luzes constantes
E seus ronronares amorosos
Eu aprenda a superar remorsos





APRESENTAMOS O POEMA

CONTRASTE

POR AMANDA PESSOA



CRISTIANE AMANDA, 26 ANOS, É UMA ESCRITORA APAIXONADA QUE TRANSFORMA SUAS IDEIAS EM PALAVRAS COM MAESTRIA. DESDE JOVEM, ENCONTROU NA ESCRITA UM REFÚGIO E UMA FORMA DE EXPRESSÃO. SEU ESTILO É MARCADO PELA CRIATIVIDADE E SENSIBILIDADE, REFLETINDO SUAS EXPERIÊNCIAS E EMOÇÕES. ALÉM DE ESCREVER CONTOS E POESIAS, ELA ADORA EXPLORAR NOVOS GÊNEROS LITERÁRIOS, SEMPRE EM BUSCA DE INSPIRAÇÃO. COM UM OLHAR ATENTO AO MUNDO AO SEU REDOR, ELA CONTINUA A CRIAR E SONHAR, DEIXANDO SUA MARCA NAS PÁGINAS QUE ESCREVE.



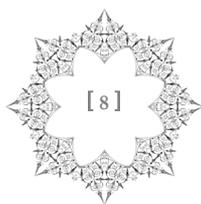
Você pode viver longos anos, e ainda sim morre sem aprender tudo,
Você estuda tanto uma profissão, sua fórmula e teoria,
Enquanto eu? Eu vim para ensinar ao mundo,
Que sem o amor, quem é por acaso que você seria?

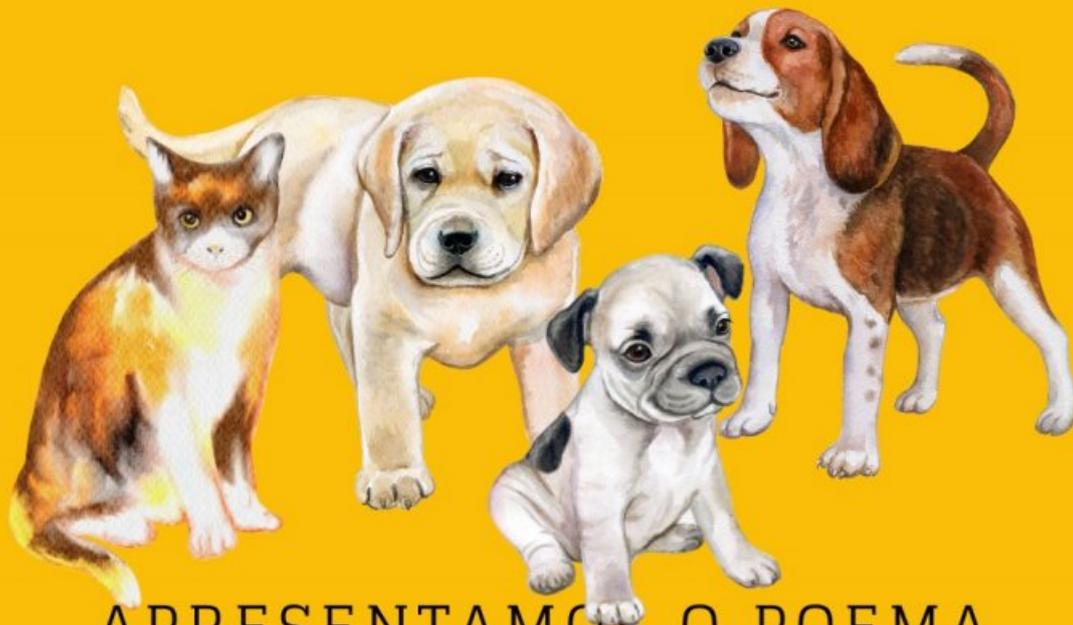
Sua vida é corrida, enquanto a minha se resume a você,
Seu trabalho te ocupa tempo, enquanto o meu é te esperar chegar,
Sua família se reúne, a minha não vejo e não entendo o porquê,
Mas isso não me afeta, tenho a você para amar.

Suas expectativas são altas, você almeja sucesso e reconhecimento,
Enquanto as minhas são tão simples que parece irrelevante,
Por causa delas, seus dias as vezes tem tristeza e aborrecimento,
Mas minha tarefa da vida, é sempre te levar a diante.

A única coisa que consigo te oferecer em troca do seu amor, é lealdade
Acredito que seja algo valioso nos dias atuais,
Visto que, é difícil de achar alguém pra falar uma simples verdade,
Olha só... sua vantagem, somos amigos leais.

Sua vida gira em torno de dinheiro, e sem ele você não faz nada,
Sem ele nós não nos alimentamos e, racionalmente você fica sem chão,
Me considero um bom companheiro nessa caminhada,
Mas todo mundo ainda insiste em dizer que sou só o seu cão.





APRESENTAMOS O POEMA

LUKE

POR CLEUNÉIA MELO



PROFESSORA DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II, ENSINO MÉDIO REGULAR E EJA. FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, LICENCIATURA EM ARTES PLÁSTICAS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MG – (UEMG), ESCOLA GUIGNARD/BH. ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG/BH). LICENCIATURA EM LETRAS PELA FMU- FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS, POLO BETIM/MG. CASADA COM JOÃO BATISTA DE MELO E MÃE DE UMA FILHA, GOSTA DE LER, ESTUDAR E DEDICAR AS ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS, FOTOGRAFIA E LITERATURA.



Luke chegou para alegrar.

Filha, mãe, papai.

Alegre e educado, para

Felicidade da Ariane.

Correndo para lá e para cá.

Querendo atenção de todos.

Como é fofo o Luke!

Luke estar a dormir...

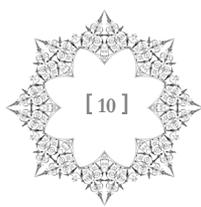
Silêncio! Ele pode acordar...

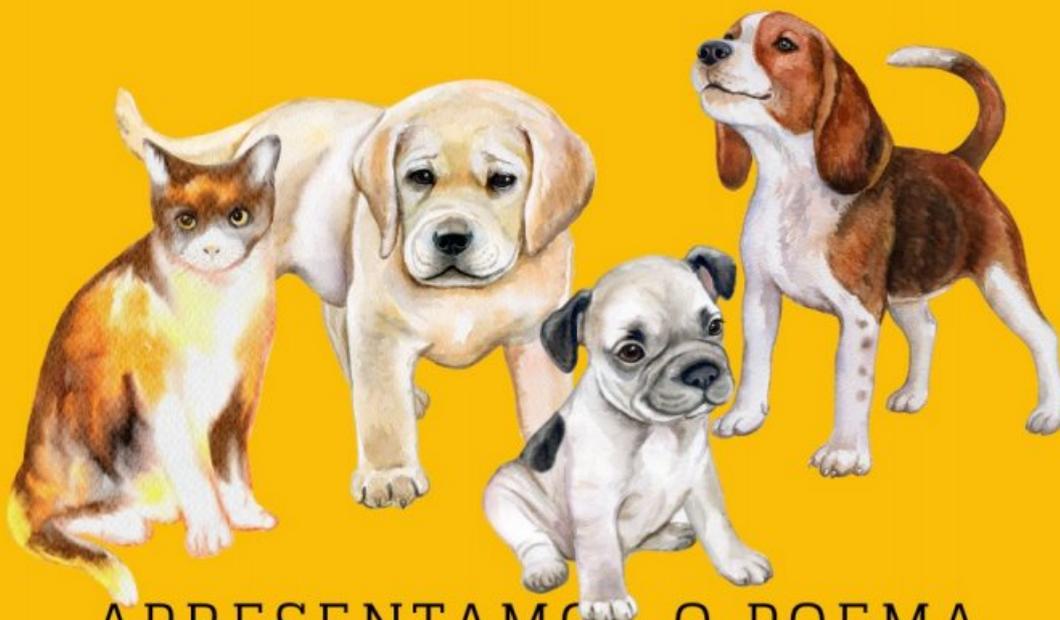
Sempre a dizer Ariane.

Tanto carinho e dedicação!

A preencher o tempo livre da

Ariane.





APRESENTAMOS O POEMA

BADÚ

POR CLEUNÉIA MELO



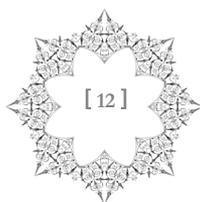
PROFESSORA DE ARTE DO ENSINO FUNDAMENTAL II, ENSINO MÉDIO REGULAR E EJA. FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, LICENCIATURA EM ARTES PLÁSTICAS PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MG - (UEMG), ESCOLA GUIGNARD/BH. ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG/BH). LICENCIATURA EM LETRAS PELA FMU- FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS, POLO BETIM/MG. CASADA COM JOÃO BATISTA DE MELO E MÃE DE UMA FILHA, GOSTA DE LER, ESTUDAR E DEDICAR AS ARTES VISUAIS E AUDIOVISUAIS, FOTOGRAFIA E LITERATURA.

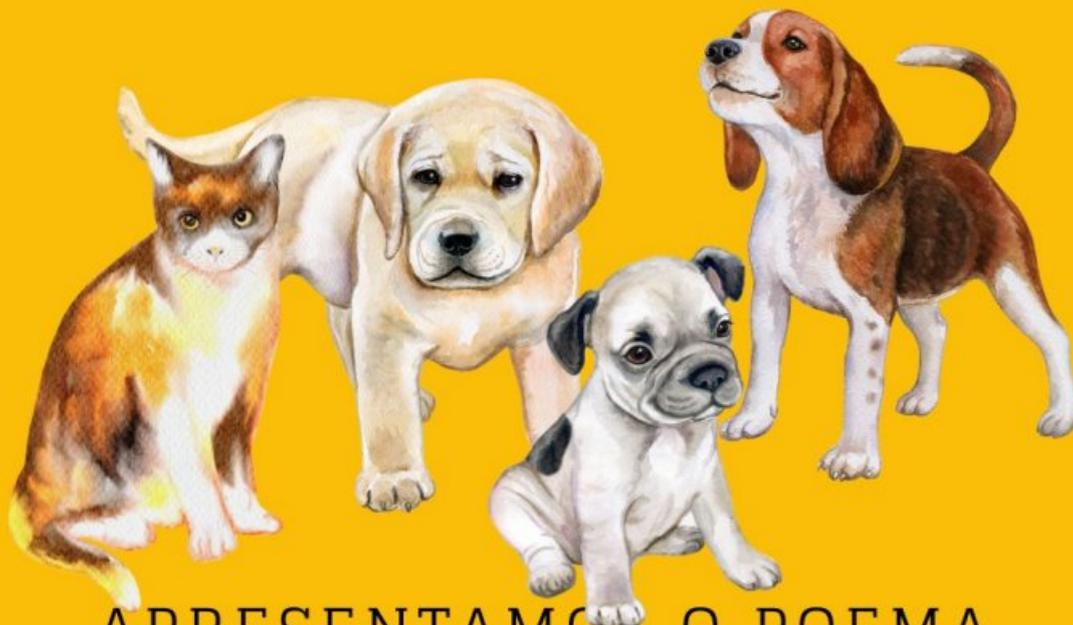


Cão de guarda, a vigiar o sítio.
Sítio este onde mora Badú.
Sempre a avisar quando alguém estar a chegar.
Bravo quando necessário, mas dócil.
Para com aqueles que cuidam dele.

Badú gosta de carinho e banho.
Sempre a deitar para um carinho na cabeça.
Badúuuu, sempre a lhe chamar, quando necessário,
para que se aquiete, ou então que apareça.
Para tranquilidade de sua dona.

Badú gosta de dormir e comer.
Sempre a dormir, mas de ouvidos e olhos alerta.
A vigiar e cuidar daqueles que confiam nele.





APRESENTAMOS O POEMA

À BRIE

POR CQP



"CQP, NASCEU EM EMBU, TEM 38 ANOS. GOSTA DE EXPRESSAR SEUS SENTIMENTOS E PENSAMENTOS ATRAVÉS DA ESCRITA. APRECIA A NATUREZA, OS ANIMAIS (DOMÉSTICOS E SILVESTRES) E LER SOBRE O ESPAÇO. SEMPRE QUE POSSÍVEL GOSTA DE SE ENVOLVER EM TRABALHOS DE AJUDA AO PRÓXIMO E ACREDITA QUE O AMOR TRANSFORMA VIDAS. ESCREVEU ESSE POEMA PARA EXPRESSAR A ADMIRAÇÃO QUE TEM PELA PESSOA QUE RESGATOU BRIE DE UM ABRIGO PARA ANIMAIS QUE SOFRERAM MAUS TRATOS. O AMOR TRANSFORMOU A VIDA DELA"

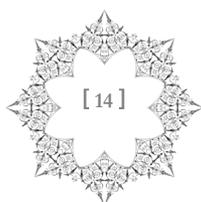


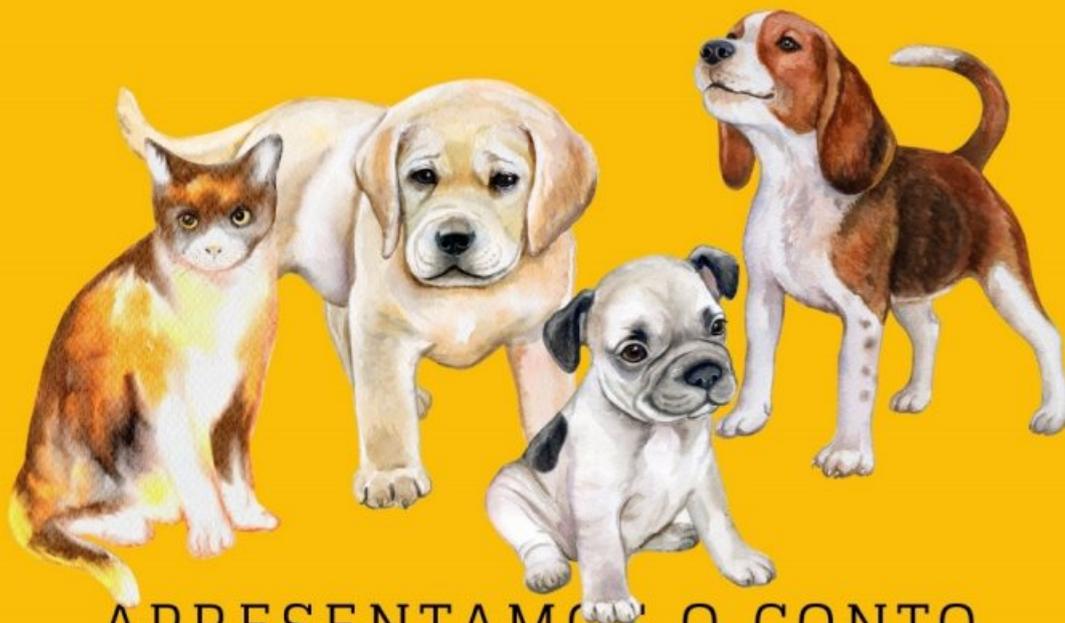
Chegou minguada e temerosa
Seu olhar alarmado traduzia o temor
De que em sua breve vida
Já havia passado o terror

A resgatei de um abrigo
Para ser o meu novo xodó
E no final foi ela
Que não me deixou só

Naquela que buscava refúgio
Encontrei o meu abrigo
Eu achava que a resgatava
Mas na verdade era ela que me salvava.

À minha doce Brie
Só tenho a dizer
Obrigada por me salvar
E fazer da minha casa um lar.





APRESENTAMOS O CONTO

OS PASTORES

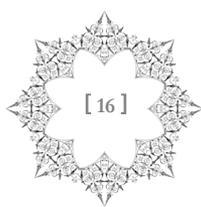
POR FAUSTO ROBERTO VEDDOY BARCELLOS

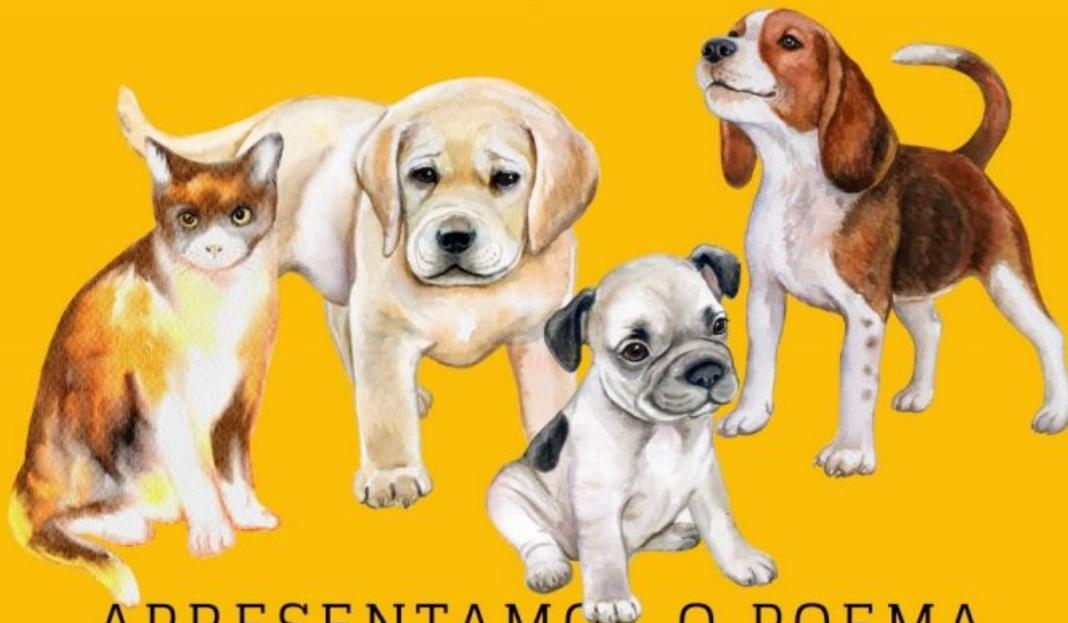


O AUTOR É UM ESTUDANDE DE VETERINÁRIA.



Há um tempo atrás eu comprei dois cachorros: o Kanemann e o Geromel. Um pastor alemão cinza e um pastor belga malinois. Vivi seis anos com os dois, e não me lembro o motivo pelo qual comprei os dois. O primeiro que veio foi o pastor alemão cinza e depois de um ano veio o pastor belga malinois. Eu fiquei seis anos com os dois e depois eles foram embora. O Motivo deles irem foi porque brigavam muito. Mas eu sempre tive a esperança deles voltarem. Comigo eles sempre foram bem tratados. Comiam e tinham todos os cuidados, porque eu sou uma espécie de veterinário, só não conclui o curso ainda. Só que um dia eu escrevi no whatsapp para meu irmão e contei que tinha sonhado. E para concluir minha história, irei contá-la: sonhei que tu tinha deixado o Kanemann e o Geromel com um amigo teu. Dai eu e tu fomos lá. Eles estavam amarrados e não brigavam, mas estavam amarrados junto com um lince. Viviam os dois e um lince juntos. Dai tu soltou eles e eles não me conheceram e eu fiquei com medo. Depois antes de entrar no carro eles me conheceram e começaram a brincar. E no final eles vieram juntos dentro do carro com a gente.



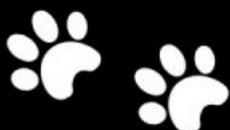


APRESENTAMOS O POEMA
AMIGOS DE ESTIMAÇÃO

POR MEIRE MARION

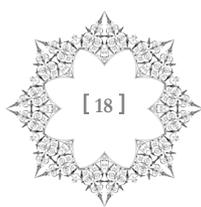


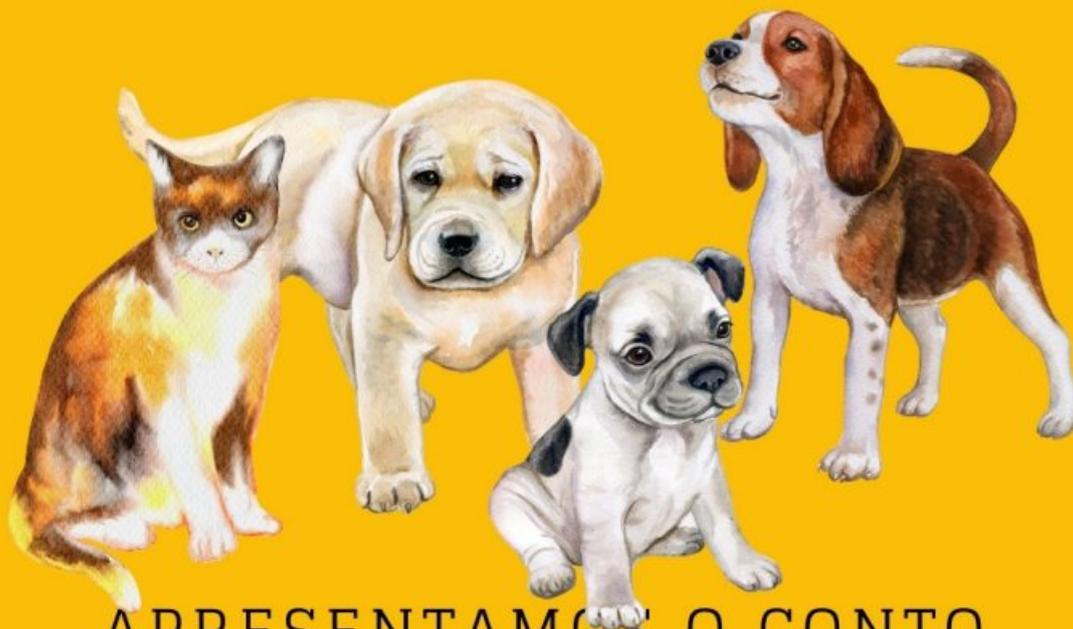
MEIRE MARION, PROFESSORA DE INGLÊS, LÍNGUA E LITERATURA DESDE 1982, QUANDO VOLTOU DOS ESTADOS UNIDOS APÓS TER VIVIDO LÁ POR 11 ANOS. ESCRITORA DOS LIVROS INFANTO-JUVENIS CHARLIE THE FISH (2018), O PRIMO DO CHARLIE(2018), O MENINO QUE NÃO SABIA DE ONDE VEIO (2021) DOIS GATINHOS(2021) E THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT (2022). TAMBÉM PARTICIPA DE DIVERSAS ANTOLOGIAS COM POEMAS E CONTOS.



Nos olhos gentis, existe um universo a resplandecer.
Animais de estimação, sempre prontos para amar.
Com um passo delicado e um pulo contente,
Convertem o lar em um país emocionante.
Ronronar suavemente, ou latir com bravura.
Podem até piar com doçura!

Eles proporcionam felicidade, são amor em harmonia.
Com suas peripécias, iluminam o dia.
Cada instante compartilhado é uma dádiva rara.
Na dança da vida, caminhando juntos,
Através de jogos, aprendemos a amar.
São os protetores do nosso coração.
Nossos vínculos, pura ligação!





APRESENTAMOS O CONTO

CONEXÃO ANIMAL

POR MÔNICA ERICHSEN



MINEIRA, PROFESSORA UNIVERSITÁRIA. INICIOU OS SEUS ESCRITOS LITERÁRIOS HÁ ALGUNS ANOS. TEM FORMAÇÃO EM ESCRITA CRIATIVA E SE INTERESSA, PRINCIPALMENTE, POR CONTOS E CRÔNICAS.



Quando chegamos em casa, lá estava aquela bolinha de pelo nos olhando, paralisada. Branquinha, magrinha e muito peluda, tinha um olhar sério e carente de carinho. Logo que sorrimos para aquela figurinha miúda, ela começou a querer balançar o rabinho, curtinho. Colocamos as mãos à sua frente para que ela as cheirasse e se aproximasse de nós. Estávamos ávidos para coloca-la nos nossos colos, nas nossas camas e brincar. Como era linda, ela. Mas, era tão pequenina que tivemos receio de machucá-la com as nossas mãos ansiosas.

Alguns dias depois dessa chegada em nossa casa, Cléo já havia tomado conta das nossas vidas. “Cléo, onde está você?” “Cléozinha, não faça isso mais no chão. Faça no jornal” Passamos as nossas férias brincando e tentando ensinar aquela bolinha de pelo a fazer cocô e xixi no lugar certo. Como era bom. Parecia que estávamos a salvo do que acontecia em nossa casa, das brigas dos nossos pais e da falta de dinheiro. Tínhamos a ela.

Cléo tinha o hábito de nos esperar de frente para a porta principal de nossa casa. Ela parecia ter um relógio interno. Por volta do meio dia, ela se sentava em frente à porta porque nós chegávamos da escola. Lá estava ela balançando o rabo. Pulava em nossas pernas esperando que um de nós a pegássemos no colo para receber um abraço. Depois, saía correndo pela casa como se uma coisa muito especial estivesse acontecendo, mesmo sendo algo que se repetia todos os dias.

Enquanto almoçávamos, estava ela sentada nos olhando, talvez, esperando algum agrado. “Não pode dar nada para a Cléo. Já levei para o passeio da manhã e ela já comeu a ração dela.” – dizia a minha mãe de antemão para que a bolinha de pelo não passasse mal por comer demais. Depois do almoço, ela dormia conosco no nosso quarto. Era o cochilo da tarde. Todos os dias.

Desde antes da chegada de Cléo, nosso pai já não gostava da ideia de ter um animal de estimação. “É mais uma despesa. Banho, ração, vacina. Além disso, a casa fica suja. Os meninos não se concentram nos estudos e nas tarefas de casa. Para que animal de estimação?” Mas, nossa mãe sempre teve um cachorro quando criança e defendia a Cléo. “As crianças ficaram muito mais ativas nas tarefas de casa. Eles começaram a fazer tudo para que ela possa ficar aqui. Dinheiro, a gente dá um jeito.”

Mesmo com a implicância de nosso pai, a bolinha de pelo, que estava crescendo, esperava por ele na frente da porta e pulava em suas pernas, até que ele fizesse em

carinho nela. E nós, ficávamos olhando de esguelha, com medo dele maltratá-la nos dias em que chegava bêbado. O estranho é que naqueles dias de bebedeira, ele brincava só com a Cléo. Não dava atenção a mais ninguém. Além de nos livrar das gritarias dele, ela o distraía até que dormisse com a roupa que veio da rua. Nem a minha mãe reclamava dele dormir sujo. Contanto que dormisse. Foi um alívio para nós.

Até que um dia, meu pai chegou muito bêbado em casa, tonto mesmo. Nervoso. Seu rosto estava vermelho. Sentimos o cheiro da cachaça antes dele abrir a porta. No portão, ele gritava a minha mãe. Parecia um urro. “Margarida, abra esse portão, que está emperrado” Nada disso, ele estava muito bêbado.

Entrou em casa como se fosse um vulcão. “Fui demitido. Aquele palerma do João Carlos, o filhinho do patrão, disse que estava cansado da minha cara.” Minha mãe não entendeu. Mas, você não mostrou o laudo médico para ele? – perguntou a minha mãe, com os olhos arregalados, fixos nele. “Mostrei, mas ele não quis ver. Disse que já estava querendo se livrar de mim há tempos.”

Que laudo médico era aquele, nos perguntamos sem verbalizar palavra. Levantamos os olhos para a minha mãe e ela fez um sinal para nós. A notícia viria tarde da noite, depois que nosso pai dormiu. Ele tinha um câncer avançado. Cléo parecia ter adivinhado alguma coisa porque deitou-se debaixo da cama onde o meu pai havia adormecido e lá ficou até que ele acordasse no dia seguinte, muito indisposto. Onde ele ia, lá estava a bolinha de pelo. Como uma guardiã.

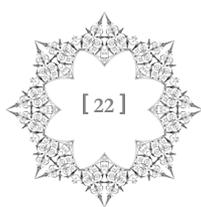
Os dias que se seguiram aquele episódio foram difíceis em casa. Íamos para a escola e voltávamos e Cléo estava ali, com meu pai. Não havia nada que a removesse do seu lado. A casa ficou silenciosa. Mal fazíamos barulho, sobretudo depois que nosso pai começou o tratamento e voltava para casa passando muito mal. Quando não estava deitado, estava no sofá da sala. E a Cléo ao seu lado. Só ouvíamos o barulho das suas patinhas no chão denunciando que ele ia a algum lugar da casa.

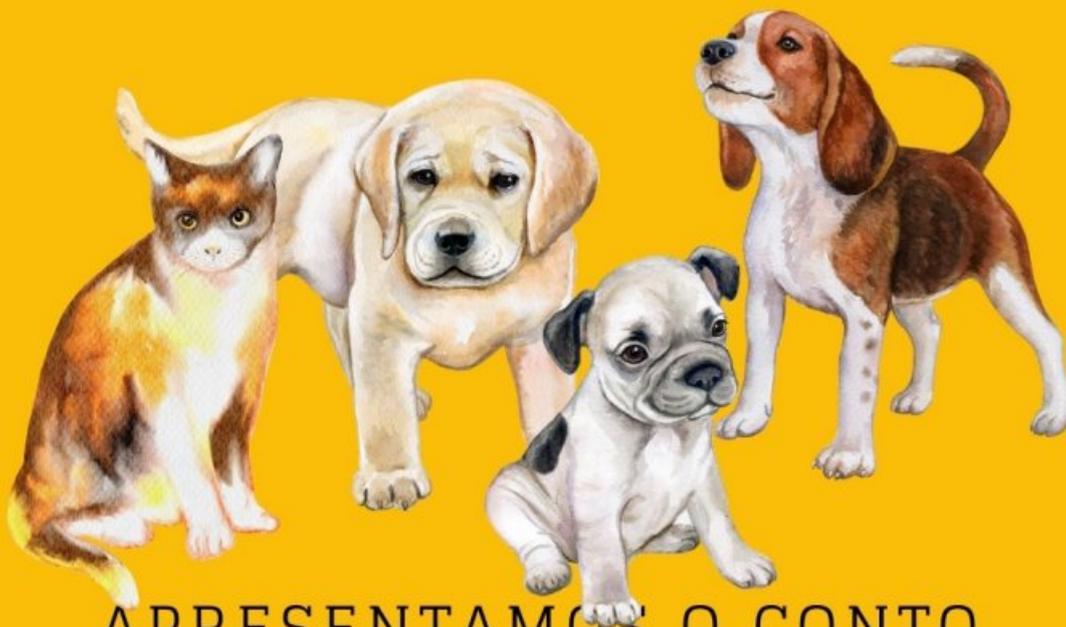
Meu pai passou por muitas sessões de quimioterapia. Uma vez por semana, voltava ele do hospital pálido, cansado e a cada dia mais magro. Perto do horário dele chegar, Cléo se punha à frente da porta, à espera dele. No início, ela ainda pulava em suas pernas como de costume e ele conseguia fazer um carinho nela. Mas, à medida que o tratamento avançava e o câncer também, ele já não fazia nenhum afago nela. Havia uma troca de olhares entre eles. Cléo parecia compreender aquela situação e correspondia com o olhar e o seguia até o quarto. Ficava horas debaixo da cama dele.

Até que um dia, nosso pai foi para uma sessão. No horário previsto para o seu retorno, Cléo já estava sentada em frente à porta aguardando o seu retorno. Entretanto, nosso pai não voltou no horário previsto e nós não tivemos notícias de nossa mãe. Algo deve ter acontecido. Um atraso, pensamos. Logo eles estarão de volta.

Cléo que acabou adormecendo por algum tempo, levantou-se de repente, dando um pulo. Olhava para a porta com os dentes à mostra e rodopiava no mesmo lugar. Depois, Cléo se instalou embaixo da cama, onde ficava quando nosso pai costumava ficar deitado. Passou-se mais ou menos uma hora, quando nossa mãe abre a porta, sozinha. “Durante a aplicação da quimioterapia, teve um infarto, foi socorrido, mas não resistiu.” – disse nossa mãe com a voz sufocada. Nosso pai faleceu no momento em que a Cléo havia pulado em frente à porta e se dirigido para debaixo da cama.

Durante um ano, Cléo deitava em frente à porta no mesmo horário que nosso pai voltava das sessões de quimioterapia. Como ele não aparecia, ela se deitava debaixo da cama, como fazia quando ele estava em casa. Todos os dias.





APRESENTAMOS O CONTO

GATO INGRATO

POR NATASCHA DUARTE

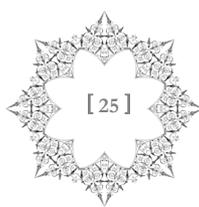


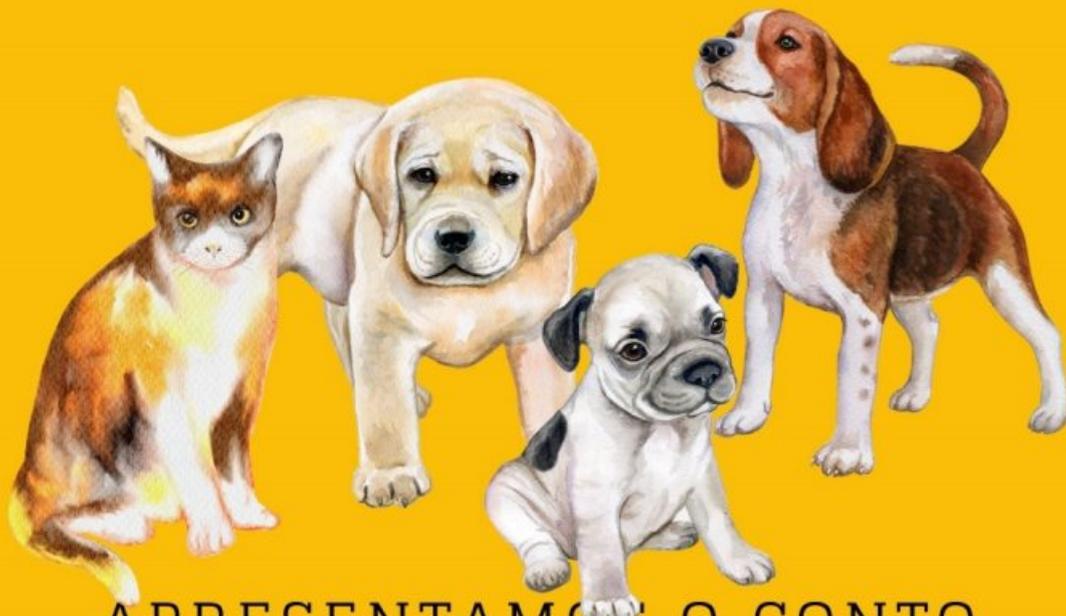
NATASCHA DUARTE MORA EM HIDROLÂNDIA, PERTINHO DE GOIÂNIA. MÃE DE DOIS ADOLESCENTES, CASADA E FORMADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UFG. COMEÇOU ESCREVENDO NO FACEBOOK PEQUENAS CRÔNICAS SOBRE A ROTINA COM AS CRIANÇAS QUANDO PEQUENAS E TAMBÉM CONTOS. ESCREVEU POR 3 ANOS NO SEU BLOG LITERÁRIO ANTES DE DESATIVÁ-LO. PUBLICOU EM COLETIVOS DE LITERATURA ON LINE, BLOGS E REVISTAS, TEVE CONTOS SELECIONADOS PARA 3 ANTOLOGIAS, E FOI SEMIFINALISTA NO PRÊMIO PENA DE OURO/2022.



Era uma vez um gato. Um, não. Dois. Era uma vez dois gatos que foram levados por Ana ao castelo de um belo amigo, que mais parecia um príncipe encantado. Ela achava os filhotes em uma casa muito mal assombrada. O garoto adorou os pequenos. A mãe do garoto não e ficou muito, muito brava. Desde que a família real se mudara para o novo reino por lá apareceram gatos de tudo que era modelo, com filhotes, atrás de gatas, umas no cio, outros magrelos, desnutridos e interesseiros. A experiência traumatizara a jovem rainha. Devolvam os gatos, ordenou. Hoje ainda. E não voltou atrás, fria e enojada pelas fezes e caixinhas de areia, preocupada com a ração a preço de picanha (sim, rainhas também!), avessa às idas ao veterinário, castração, remédios, vacinas. Que coisa! O príncipe e seu irmão devolveram os bichos à rua e a paz reinou no castelo até que, dias após a visita de Ana, a família vê um dos gatos espatifado na rua. Cachorro ou carruagem? não souberam precisar. O remorso, o arrependimento, a culpa e a raiva, tudo o bastante, fizeram a rainha enlouquecer e clamar pelo gatinho que sobrevivera. Achem o outro gato, o preto, imperiou a tirana aos filhos. As crianças organizaram o enterro do gato azarado e agora uma tripinha, e resgataram o gato guerreiro. Intencionalmente o novato conquistou seu espaço junto à realeza. A barriga inchada de vermes verdes e gosmentos foi substituída por outra, mais enxuta. O pelo brilhava. O gato dormia no colo da rainha-mãe que já não parecia distante. Com o tempo, os cuidados dos moradores com os outros gatos do castelo, eles também adotados, foi diminuindo e o bichano preto foi se tornando o número um. Que sorte o desgraçado teve. Banguela os amou durante três meses e três dias. Foi embora em uma tarde sem se despedir ou olhar para trás. O rei chegou a invadir o jardim de uma propriedade alheia mais de uma vez na tentativa de encontrá-lo. O casal real falou com vizinhos, interrogou transeuntes e nada do gato aparecer. Um dia o viram debaixo de uma condução, vivo, mais magro. Chamaram seu nome. Banguela, Banguela. O gato saiu correndo deles, não para eles. Uma, duas, três vezes o abordaram na rua e todas as vezes ele evadia. Parecia feito de outra substância, o ingrato! Como se não fosse estranho o suficiente, ele apareceu em frente a uma pizzaria medieval, enfiado debaixo da centésima carruagem, seu lugar preferido no mundo. O infeliz agora morava na rua. A rainha, mesmo com o amor repisado pela ingratidão, ajoelhou-se no chão, sem mágoas, palmas das mãos no asfalto sujo, a cara encostando nas rodas de madeira. O príncipe herdeiro ao lado dela corroído por uma vergonha interna e secreta de ver a mãe ali exposta, de bunda pra cima, falando com voz de criança, no escuro da noite, vem, amorzinho, vem. Esse gato é meu, ouvem claramente. Era a dona da pizzaria. Ela surgiu

de repente na janela, com uma calma e naturalidade não calculada, fazendo o herdeiro do trono embranquecer. Como? Repetiu que o gato era dela e tratou de apresentar a família: olha lá, aquela é a mãe entrando na minha garagem, entrou, olha o irmão... Era toda uma grande família felina feliz. A rainha considerou brigar. Dentro do seu mundo universo ela tinha direitos, afinal foram meses de dedicação e trabalho, sentiu-se tão sem vida sem o bichano no seu colo, olhinhos pregados nela... Mas, depois de muito refletir, percebeu, com espanto, que o gato voltara para o seu verdadeiro lar. E cabisbaixos, mãe e filho reais saíram de lá para nunca mais voltar.





APRESENTAMOS O CONTO

CACHORRÃO PRETO

POR NATASCHA DUARTE

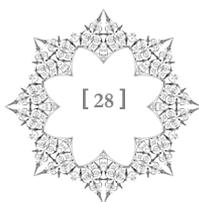


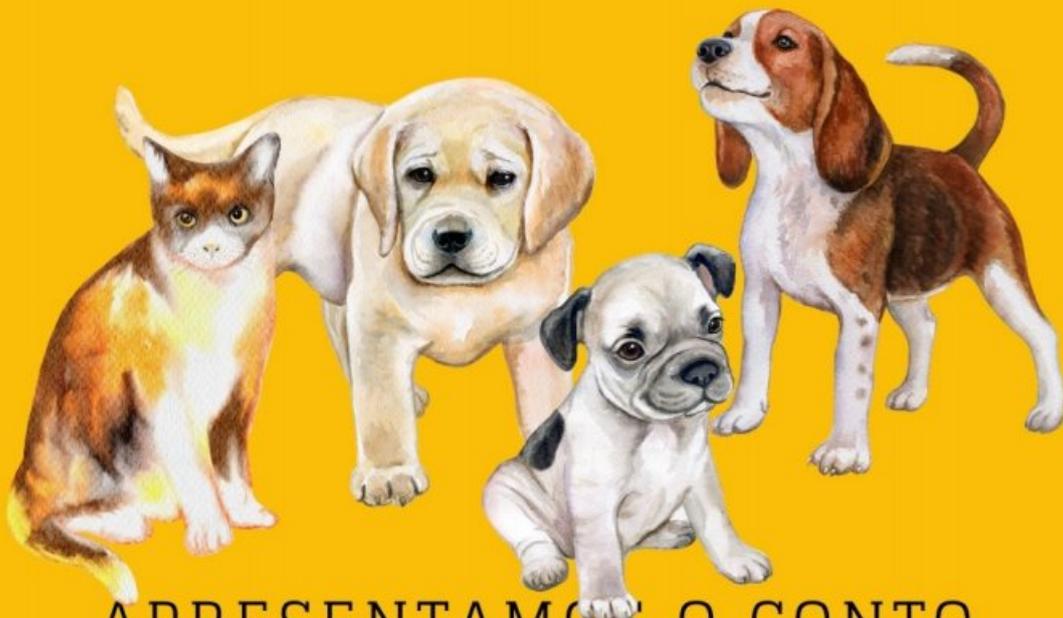
NATASCHA DUARTE MORA EM HIDROLÂNDIA, PERTINHO DE GOIÂNIA. MÃE DE DOIS ADOLESCENTES, CASADA E FORMADA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL PELA UFG. COMEÇOU ESCREVENDO NO FACEBOOK PEQUENAS CRÔNICAS SOBRE A ROTINA COM AS CRIANÇAS QUANDO PEQUENAS E TAMBÉM CONTOS. ESCREVEU POR 3 ANOS NO SEU BLOG LITERÁRIO ANTES DE DESATIVÁ-LO. PUBLICOU EM COLETIVOS DE LITERATURA ON LINE, BLOGS E REVISTAS, TEVE CONTOS SELECIONADOS PARA 3 ANTOLOGIAS, E FOI SEMIFINALISTA NO PRÊMIO PENA DE OURO/2022.



Eu queria ter problemas mais importantes. Mas só falo em jardim e cachorros. É que os animais são tão fofinhos, não é? A Mel. Eu a encontrei na rua e a trouxe pra casa com o intestino saindo pra fora. Tive de fazer uma vaquinha pelo whatsapp pra custear a cirurgia de reposicionamento. Coisinha à toa. Quer dizer, nem tanto pra ela que sofreu, nem para o veterinário que teve de fazer uma segunda cirurgia, porque a mocinha é osso duro de roer e botou o intestino pra fora, de novo. Ela ficou num morre não morre e não morreu. Aí desenvolveu cinomose. Certamente pela baixa resistência depois de 2 cirurgias em poucos dias, como se o sol ficasse à mercê da lua e a lua fosse mais vilã que amante, entendeu? Também não. A ração, depois da cirurgia, tem de ser amolecida pro intestino não sair uma terceira vez. Só esquentar um pouquinho de água no fogão três vezes ao dia, mexer a ração, servir e esperar ela comer, o que leva um certo tempo já que os dentinhos são meio pequenos e a boca um tanto peculiar. Tiro de letra (Deus está me vendo?). Mel cresceu muito e hoje é uma rainha (ela, não eu) que late e vigia o quintal com afinco. Um segredo: ela desenterrava os cocôs dos gatos para comer no início, não comentem; mas hoje ela está bem, dá preferência para a ração mesmo. A Melzinha, como a chamamos, é super amiga dos gatos e por mim continuaria assim, uma Mel e dois gatos, só que o Bartolomeu morreu em dezembro passado e eu ainda não consigo falar sobre isso com naturalidade. Acho que nunca vou. Ficaram apenas Mel e Hanulfo dormindo no sofá da varanda, lado a lado. Quem foi que disse que gato e cachorro não dão certo? Eles podem até ser amigos. Bem, isso não aconteceu exatamente, mas os dois revelaram um jeito de conviver que dá gosto; o espaço de um e do outro preservado, até que meu filho mais velho trouxe da rua um cachorrão preto macho. Pleonasma nele, é isso o que aquela coisa merece. Quando o Elvis - o Rei - chegou, o comportamento da Mel mudou, ela passou a ralhar com o gato, a correr atrás dele com ódio no olhar. O gato arrepiava de medo. Uma gracinha. Eu relutei pro cachorro ficar, mas por amor ao meu filho, por amor a Mel que agora tinha companhia e por amor a minha casa, botei o bicho no quintal. Cresça, não se reproduza e vigie, ordenei! E ele cresceu livre, fazendo cocô onde bem entendia e comendo tudo o que via pela frente, incluindo um sapato chique que ganhei de presente no Dia das Mães, dois sofás, minhas suculentas, uns tocos de brasa da fogueira (depois que esfriou, claro) e o cocô do Hanulfo, imitando a Mel. Muito de minha paciência eu perdi naturalmente com os anos. O resto, perdi com o Elvis.

Desde que ele chegou e triplicou de tamanho como um balão assoprado em dia de festa, eu ando meio doida, ou mais doida, depende do ponto de vista. Ele está grande que nem um bezerro no pasto, e olha que ainda é um filhote. Vocês acham que ele cresce mais? Eu tava ali na cozinha, agorinha, passando um café e vi um tufo de grama andando pelo chão. Adivinha quem? A criatura mágica! A responsabilidade dele em casa é tão grande que até quando minha maquiagem não fica boa a culpa é do Elvis. Entendam meu lado, os remédios não são baratos, a ração sobe todo mês e estou há mais de uma semana sem ir ao salão de beleza, mas ninguém vai ao salão de beleza toda semana tirando a Barbie, ora. Há quem diga que o universo confabula a favor de quem coloca os bichinhos acima dos próprios egoístas interesses. Será que acredito? Eu pondero, pondero com muita seriedade sobre quem precisa mais, eu ou eles, quem pode esperar; me pergunto se posso passar sem pintar as unhas e continuar viva. E vou pra a loja de ração. Minha vida é muito doméstica. Se eu fosse bailarina clássica ou astronauta não teria esses problemas. Então aguarde você até ouvir sobre o jardim. O jardim era um lugar idílico. Aí o jardineiro voltou para a Suíça (ele mora lá, é português), deixando meu jardim ao Deus dará. Pra completar ele ainda fica postando aquelas paisagens da Europa. Eu não mereço! Em dois anos vieram para a entrevista 17 jardineiros diferentes para substituí-lo. Eu contei. Um cobrou tanto que dava pra comprar um jardim novo. Disse que traria gente capacitadíssima. E disse ainda que seria bom fazer a manutenção de 15 em 15 dias. Eu falei que ia pensar (olhos alarmados). Outro fez mais barato, e disse que demoraria uma semana. Tanto tempo pra cortar grama, eu perguntei, aí ele ficou bravo comigo achando que eu caçoava dele. Tem de ter tato pra lidar com jardineiros. (Se eu fosse médica também precisaria de tato pra lidar com um monte de coisa, isso de tato é uma coisa normal, gente). Quando outro profissional chegou aqui com um carro melhor que o meu eu tive certeza, estou na profissão errada. Acho que eu seria uma boa jardineira. Gosto de roçadeira, fios, gasolina misturada com óleo diesel. O jardineiro do carrão esqueceu de passar o orçamento. São profissionais muito ocupados; então, mensagem neles. É mensagem que não acaba. Oi, lembra de mim, você veio aqui outro dia. Um astronauta usaria da mesma perseverança como os astros no espaço ou isso é falta de personalidade minha, implorando, desprovida do mínimo orgulho? Preocupem-se pouco com problemas como os meus, senhores, senão o foguete cai em cima da gente. Em resumo, bichos e plantas são como pequenas odes à vida e fazem alusão a um encantamento perplexo e contínuo. Entendeu? Elvis, para de comer meu carro!





APRESENTAMOS O CONTO
A CORUJA DA BRUXA

POR NEY ALENCAR



NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 400 CONTOS PUBLICADOS EM 70 E-BOOKS E EM 150 ANTOLOGIAS. POSSUI 19 LIVROS PUBLICADOS.



1850. Vila de Dolina, Ístria.

A pele de azeviche do rapaz, seu rosto contorcido de horror, contratava com a pele de mármore do homem parado ao seu lado, o bigode hirsuto no rosto oriental galvanizava uma experiência sinistra e vasta sobre a coisa hedionda que se mostrava diante deles!

O corpo destruído e aberto pelo meio mostrava sinais inequívocos de uma rara violência, os cortes díspares soavam como pinceladas hediondas em um quadro de carne e sangue. A criança diante deles não iria mais rir ou brincar!

O outro homem, Primoz Dalmatin, o equivalente ao xerife local, torceu as mãos trêmulas e murmurou uma prece em esloveno:

— Buge waz primi, pequena Dirce! — Deus esteja com você, sua voz tremia ao pronunciar as palavras, depois olhou para o homem com os olhos marejados — O que foi que fez isso, Senhor Kuro? Que monstro poderia ter cometido tal atrocidade? Ela era apenas uma criança!

Masasuê Kuro, cirurgião e físico, estava cansado de perseguir aquela coisa inclemente, que lhe fugia de vila em vila, deixando para trás um rasto de crianças mortas, foi com um suspiro que diagnosticou:

— Não foi um homem que fez isso, Senhor Dalmatin. Isto foi uma Strigoaică! — sua voz ríspida ecoou macabra pelo beco cercado de paredes amareladas, a escuridão pareceu adensar-se mais à volta deles, como se quisesse ouvir melhor.

— Não temos nenhum caso assim desde que Grando aterrorizou esta região, há mais de duzentos anos! — um horror profundo tomou conta do homem, seu corpo não parava de tremer, mesmo sendo grande e forte, era como se fosse apenas um menininho.

— E ela não vai parar até que a peguemos! — sinalizou Kuro olhando para o rapaz.

— Mas como podemos pegar um fantasma! — crocitou outro homem bem mais velho e curvado, Jurij Trubar, o prefeito da vila, uma criatura cheia de ressentimentos e ódio pelos semelhantes e ainda assim um bom homem — O Senhor diz que quem fez isso foi uma coisa que retornou do túmulo para atormentar os homens! Isso não é crível! Certamente existe um homem degenerado e bem vivo por detrás de todos estes crimes horripilantes! Não posso crer que tudo isso é obra de um fantasma!

— Ela é uma Strigoaică, Senhor Trubar, não é um fantasma! — intrometeu-se o rapaz, chamado Hiram, com uma certeza intrínseca — Nós a estamos caçando faz um ano já!

— E o que isso quer dizer senão que ela é um espírito atormentado que retornou da cova? Conheço bem nossas próprias lendas, meu rapaz, antigas e sem sentido e quem fez isso — falou o Prefeito apontando para o pequeno corpo à frente deles — Não foi um espírito, foi um homem bem vivo!

— De qualquer forma precisamos pegá-lo antes que faça mais vítimas! — interveio Kuro tentando apaziguar a discussão — Peço que nos deixe tentar da nossa maneira, Senhor Trubar, tenho certeza que seremos bem sucedidos!

— Não quero mais mortes em minha vila, Senhor Kuro. O senhor será o responsável por qualquer outra que acontecer!

Kuro baixou os olhos enquanto o homem se afastava batendo os pés pelo calçamento de pedra. A noite pareceu tornar-se ainda mais fria.

— Ele está atormentado com todas estas mortes, com esta já são três crianças, Senhor Kuro, mas é um bom homem. — apaziguou Dalmatin colocando a mão sobre o ombro do cirurgião — O que faremos agora?

— Agora vamos caçar corujas! — redarguiu Kuro bem sério, piscando o olho esquerdo para o rapaz que aquiesceu com a cabeça.

*

A madrugada alta estava escura, não havia luz pelo céu, apenas nuvens plúmbeas de chuva que corriam desembestadas para o horizonte, encavalando-se para uma tempestade.

Um poleiro alto erguia-se no meio do campo deserto.

Em uma das pontas do campo duas silhuetas escondiam-se por detrás dos arbustos altos.

Uma delas, do rapaz, trazia nas mãos uma arbalesta armada com dois dardos de ponta de prata e penas pretas.

A outra era a do cirurgião, vestindo uma roupa preta com alguns símbolos desenhados em prata escura, olhava detidamente para os arredores do campo, procurando ouvir alguma coisa.

Súbito, quase imperceptível, o barulho de asas surgiu, vindo do topo dos pinheiros enegrecidos. Um pio rouco cortou o ar. A presa havia sentido o odor ferruginoso do sangue e com um voo rasante atacou a armadilha.

O laço de fio de metal prendeu-lhe a garra e com um pio assustado ela ficou presa ao poleiro, esvoaçando desesperadamente sem conseguir escapar.

Agora a bruxa estava cega, seus olhos haviam sido aprisionados!

Hiram moveu-se desconfortável, queria acabar logo com aquilo.

Kuro colocou a mão em seu ombro e explicou em um sussurro.

— Ela não vai a nenhum lugar, mas precisamos dela viva, para atrair a outra!

Lembrava-se de todas as vinte crianças que aquela coisa havia atacado, o rastro horrível que deixara até ali, não podia se dar ao luxo de matar aquela coruja, isso seria quase como permitir que a bruxa escapasse.

— Agora esperamos mais um pouco! — sussurrou Kuro colocando um dedo sobre seus lábios e apontando para a outra parte oposta do campo, onde as sombras pareciam se mover em discordância com o vento noturno.

Havia algo ali! Algo mau!

Um vento fétido correu na direção deles fazendo um engulho horrendo subir pela garganta de Hiram.

A coisa saiu das sombras!

Era careca e esquelética, a pele do rosto macilenta e encarquilhada, cheia de rugas sujas de terra, pois escondia-se dentro do solo úmido.

As mãos largas e ossudas tinham unhas compridas e pontudas, cheias de terra, na ponta de braços esticados de pele ressecada, podiam-se ver seus ossos esticando a pele como uma roupa muito curta e pequena.

O púbis vergonhosamente à mostra era de uma sordidez sem par, pendendo entre aquelas coxas pelancudas e caídas.

Era uma bruxa, via-se pelos seus olhos incandescentes, que brilhavam quando olhava na direção deles, refletindo a luz das estrelas, e aos mesmo tempo era outra coisa também, viam pelo luzir de seus caninos proeminentes e pelos espasmos de seus ombros brutalizados.

Seus passos vacilantes à levaram para perto do poleiro onde a grande coruja debatia-se presa pela corrente de prata.

Olhou tentando entender o que acontecera à sua ave, aos seus olhos, agora cegos.

A ave esvoaçou, como se quisesse fugir dali ao ver aquilo que se aproximava, depois quase como se reconhecesse a coisa, serenou e piou intensamente em uma voz grossa e lúgubre.

Não era um som bom de se ouvir.

Sua notas mesmerizantes e aterradoras induziam a mente à vagar por lugares que não era bom visitar.

Pareciam cadenciados e articulativos, quase como se formulassem uma frase dirigida àquilo que se aproximava. Como se conversasse com ela!

A coisa parou! Como se alertada da presença deles ela virou o rosto hediondo em sua direção, com um grito rouco, um rosnado de ódio.

Percebera o engodo!

Refletido naqueles olhos Kuro percebeu o perigo que corriam.

Aquela não era apenas uma Strigoaică! Era pior!

Era uma Strigoaică Mort, uma bruxa morta-viva, o tipo mais perigoso que poderiam encontrar!

Precisava ser rápidos ou estariam perdidos!

A coisa moveu os lábios secos, um som ruim, parecido com o trinar de rouxinóis mortos, misturado ao grito de corvos e ao miado de gatos, quase uma cacofonia promíscua e blasfema, pareceu silvar pelo ar que os cercava.

Kuro percebeu a maldição enquanto ela ainda era lançada.

— Tampe os ouvidos! — gritou para Hiram.

Este largou a arbalesta e colocou as mãos sobre os ouvidos.

Tudo pareceu parar por apenas um instante!

Como se o próprio ar se tornasse estático e cheio de eletricidade crepitante.

O tempo se suspendeu!

A coisa ergueu os lábios superiores em um esgar horrendo como se sorrisse.

Reconheceu o terror nos rostos daqueles homens.

Então gritou e uma pequena lança de ponta de jade e cabo de abeto com dezenas de símbolos e conjuros gravados surgiu em seu peito, como que por encanto.

O cabo ardeu rapidamente em uma chama azulada que pareceu surgir das letras, se intensificou e tomou conta do corpo da bruxa, as línguas de fogo azul subiram em direção ao céu noturno em uma fogueira faminta que devorou o corpo morto da coisa!

Kuro voltou-se para o vulto sobre o poleiro que já abria as asas, liberta de suas correntes pelo encantamento da bruxa.

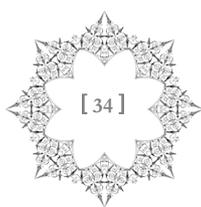
— A coruja, Hiram! — advertiu ele, o tom de voz premente de aviso.

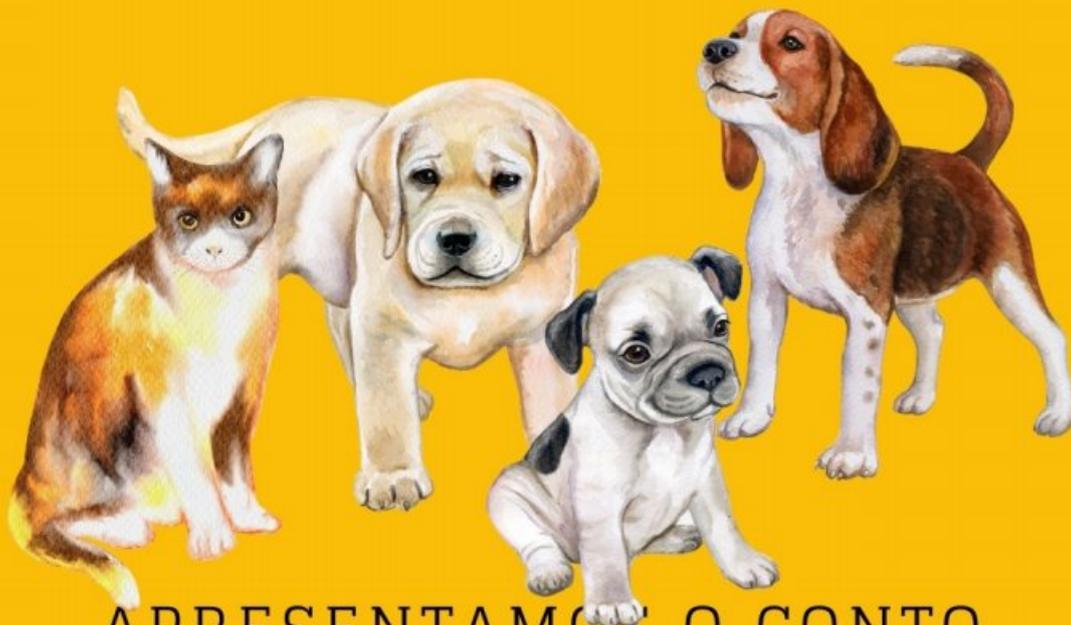
Hiram abaixou-se rápido e pegando a arbalesta assestou um dardo no peito da ave, que caiu morta!

O corpo em fogo soltou um urro ameaçador de dor e morte e desfez-se com uma explosão incandescente, iluminando a noite!

Kuro aproximou-se com uma colher de prata e colheu parte daquelas cinzas profanas que já se desfaziam levadas pelo vento frio da madrugada, guardando-as em um vidro cristalino, cuja tampa era cheia de signos de conjuros muito antigos.

A bruxa estava verdadeiramente morta!





APRESENTAMOS O CONTO

APOLOGIA À MIGUELITA

POR NÍNIVE DANIELA GUIMARÃES PIGNATARI



PROFA. DRA. NÍNIVE PIGNATARI: COORDENADORA DO NÚCLEO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS DA UNIFEV (CENTRO UNIFEVERSIÁRIO DE VOTUPORANGA).



Miguelita surgiu na minha vida com o pretexto de presentear meu filho no dia em que ele completou 18 anos. À noite, comemoraríamos a data, afinal, desde as 0 hora ele era maior. De um dia para o outro, estranhamente, era maior... Maior que a cama, maior que o quarto, que a casa e a que a nossa pequena cidade. E, sendo assim, estando ele naquele dia tão maior que no anterior, competia a mim entregá-lo ao destino dos filhos crescidos: estudar fora. Estávamos em São Paulo para instalar o menino. Arrumei o quarto, dobrei o pijama. Meu filho estaria, pela primeira vez, fora. Não sabia exatamente o que "fora" significaria, mas sabia, no mais escuro da alma, que seria para sempre. Precisava encher a geladeira de doces, as prateleiras com latarias imperecíveis, estocar leite, colocar travas nas portas. São Paulo metia medo, embora as avenidas estivessem abarrotadas de flores. Era 1 de novembro, véspera de finados. Nunca a achei tão sinistra e tempestuosa como naquele dia. Busquei por um pensamento bom. Um cãozinho! Seria uma boa ideia dar ao menino um filhote para espantar a solidão, afinal, ele seria muito, muito solitário sem mim. Pesquisei no Google uma raça que se enquadrasse às contingências de um jovem sem vocações domésticas em um apartamento pequeno. Depois de várias triagens, respondendo a perguntas muito íntimas em um site que compatibiliza pessoas e cachorros — a partir das expectativas de ambos —, cheguei ao veredito: o exemplar ideal para as minhas pretensões era um Galguinho. Come pouco (suja pouco, conclui pela lógica), não late, muito limpo, temperamento dócil e tranquilo, não precisa de tosa, toma banho no chuveiro com a gente, já sai seco, necessidade moderada de exercícios, gosta de gatos. Como tinha quatro, achei esse item decisivo. Eis o cão perfeito! Às pressas, afinal queria fazer surpresa, localizei um criador da raça numa chácara em Embu. Já tinha visto galgos grandes, mas nunca galguinhos. Ligeiramente vistos, andando pelas ruas, em pinturas e em filmes, francamente, achava que eram magros demais e um pouco esnobes. Em todo caso, como a prescrição do site fora taxativa, e como não tinha tempo para pensar em mais nada, parti. Cheguei ao local indicado com o coração predisposto ao amor. Falei com o moço, e, grande decepção: nenhum bebê disponível.

— Não se compra um galgo assim, não, senhora!

— Ah, não?

— Não! É muito, muito custoso levar um desses para casa. É preciso reservar, esperar a ninhada... Avaliar os padreadores, o temperamento... Coisa de meses.

Eu me lembro de que me sentei no sofá desolada diante de uma foto enorme e muito fofa, suspirei e gemi que o mundo conspirava contra mim.

— Moço, eu queria muito, vim até aqui, é longe, são 3 da tarde e não posso voltar de mãos abanando. Vou encontrar meu filho às 19h e prometi a ele uma grande surpresa. Ele faz 18 anos. Você deve ter por aí um cachorrinho. Estou vendo tantos lá fora! Por favor... Pense!

Depois de narrar minha saga, implorar, rastejar, apelar para o icônico da data, ele resmungou que, pensando bem, tinha uma galguinha já crescida. Excepcionalmente bela. Eu sorri renascida. Ele hesitou:

— Não sei, acho que não... não, não mesmo. Não pretendo vendê-la. Por dinheiro nenhum. É perfeita demais. Uma raridade. Tamanho diminuto, morfologia canônica, cor rara e, ainda por cima, tem genética de boa parideira. E as orelhinhas, finas como papel. Quando murcham formam dois preciosos botõezinhos de rosa.

— Moço, eu imploro. É caso de vida ou morte! Pelo menos me mostre a bichinha, por pura compaixão!

Para resumir a ópera: em segundos, um funcionário apareceu na sala com uma magrela de patas infinitamente longas e cara de lontra embrulhada em uma manta de plush branca que lhe aumentava o glamour. Ela olhou pra mim com duas biroquinhas vivas e lançou-me uma questão intrínseca, articulando de modo angelical as orelhinhas murchas: — E aí, vai me levar?

— Quero essa. Não saio daqui sem ela!

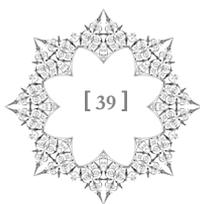
Ele apresentou a conta. Custaria o preço de três filhotes, pois era muito, muito especial. Eu agarrei a bichinha, cheirei o crânio redondo e beijei a testa respingando na cabecinha lágrimas grossas de mãe. O moço entregou-me uma sacola e uma lista complexa de recomendações. Pegou o cheque e despediu-se dela sem muita emoção, apenas um breve tchau!

Não suspeitei de nada. Já era tarde, peguei a coisinha no colo e sai. No carro mesmo, batizei a galguinha de Miguelita em homenagem a meu Pai. Parecia dócil, assustadinha, tremia com a música do rádio. Se aninhou toda dobrando as pernas longas em mil partes até se embolar toda como um tatu bolinha! Encontrei o menino na porta da escola e entreguei o presente me achando o máximo. Ele gostou, mas disse que ela era bem esquisitinha e, na verdade, estava esperando uma coleção de CDs do Horovitz.

Fiquei frustrada pela pouca graça da surpresa, mas, de algum modo, gostei que ele não tivesse gostado muito. Pensei em comprar os tais Cds. Antes da meia noite já estava achando difícil me despedir dela, tão frágil e assustadinha! Precisava de meu amor. Me seguia pelo apartamento abanando o rabinho. Era fato: Miguelita elegera-me. Eu era sua predileta e ela já não podia viver sem mim. Senti isso claramente. Pela manhã declarei solenemente e sem nenhuma oposição: — Fico com a cachorrinha. No dia seguinte, levei a galguinha para casa. Mande para o menino dois gatos.

No segundo dia ela já estava mais soltinha. No terceiro... assim como nos casamentos, a intimidade trouxe surpresas à relação. Quatro dias de convívio foram o suficiente para desmentir por completo o perfil socioafetivo descrito no site. A verdade estava instaurada: Miguelita era patologicamente ciumenta, latia para a sombra, comia como um elefante, inclusive o próprio cocô (e depois lambia a cara da gente toda confiante). Triturava a fralda sanitária em flocos finos deixando o quarto todo nevado, com um aspecto natalino e um cheiro difuso de xixi por todos os cantos. Não ficava sozinha um segundo sem mascar os óculos, destruir os controles, rasgar documentos, comer as provas, morder pilhas e destroçar as giletas. Espalhava hidratante pelo box, pulava alto como uma lebre (daí viria o nome científico da raça "lebre"? e pegava as coisas que escondia dela com toda astúcia. Abria caixas de remédio e sacava delas meticulosamente os comprimidos, preferencialmente os faixa preta da minha mãe. Corria com as cápsulas entre os dentinhos cerrados para desespero de todos da casa, inclusive da dona dos barbitúricos, que, por sinal, melhorou da depressão de tanto correr. Odiava visitas, parentes, derrubava crianças, só dormia debaixo da coberta. Puxava nossos travesseiros, emburrava se fosse minimamente contrariada. Era sempre a última a se levantar da minha cama. Não demonstrou propensão para esportes, exceto derrubamento de gatos (nunca mais nenhum deles conseguiu entrar na casa). Não deixava ninguém ouvir música, pois tremia e uivava ao mais leve ruído. Lambia o desodorante todo que passávamos nas axilas até ficarmos todos os viventes da casa com o perfume sutil "bafô de miguelitá". Agora vivíamos todos mulambos, roupas desfiadas, sapatos carcomidos, calças sujas de patas. Ninguém digitava nada sem que ela colaborasse se instalando sobre o teclado com seus cotovelos de agulha e seus milhares de ossinhos na pata longa. Estávamos mortos, esgotados. Mas o olhar, ah, gente, o olhar, quando ela finalmente se cansava, era a coisa mais limpa e apaziguadora criada por Deus sobre a face da terra.

Quis escrever sobre ela hoje, porque li, agora mesmo, uma notícia no face que me estraçalhou o coração. Um jovem com depressão perdeu o seu galguinho numa praia no Rio de Janeiro. Era um cão terapeuta, treinado para dar alento. Mas se emocionou com as ondas, rompeu a coleira e correu pela praia com suas orelhas finas e o peito aberto até se perder na multidão. Foi encontrado horas depois, bem longe, atropelado e sem vida na orla. Como alguém que já andava tão triste, pode ainda ter perdido o seu galguinho? Abracei a Miguelita, beijei, rezei por ela e chorei muito, muito, muito. Pelo moço, pelo cachorrinho, pelo atropelador, pela estupidez das despedidas, pelas perdas necessárias e por todos nós que encontramos em um cão a alegria mais pura de amar e ser amado. Quis escrever para ela, minha Miguelitinha, e para todos os cães que salvam as pessoas tristes com suas vidas curtas e extraordinárias, esta apologia merecida.





APRESENTAMOS O CONTO

ALFREDINHO E A SUA NAMORADINHA COR DE ROSA

POR RAIMUNDINHA MELO



DOUTORA E MESTRA EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). BOLSISTA CAPES/BRASIL DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO (PDPG) - PÓS-DOCTORADO ESTRATÉGICO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUC CAMPINAS). GRADUADA EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA E EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA. ESPECIALISTA EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA CRIANÇAS E JOVENS PELA UFPI. PROFESSORA AJUNTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. ESCRITORA.



Meu nome é Alfredo Ramon, mas a minha família me chama carinhosamente de Alfredinho.

A minha mãe disse que sou da raça egípcia, pois sou muito semelhante aos gatos que aparecem nas gravuras do Egito antigo. Eu acho que ela diz isso para elevar a minha autoestima quando perguntam para ela sobre a minha raça.

Eu sou um filhote de gatinho branco com manchas alaranjadas, carinhoso e muito brincalhão. Mas não sou de levar desaforo para casa, é o que dizem os cachorros e garotos da minha rua. Quando eu fico arrepiado e faço a minha corcundinha, o melhor é sair correndo, pois o leãozinho aqui é feroz.

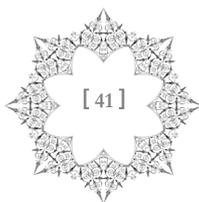
Há alguns dias, algo muito especial aconteceu na minha vida. Eu me apaixonei por uma namoradinha cor de rosa. Na verdade, ela é uma bichana muito estranha, pois só aparece para mim à noite, quando eu me deito na cama com minha mãe.

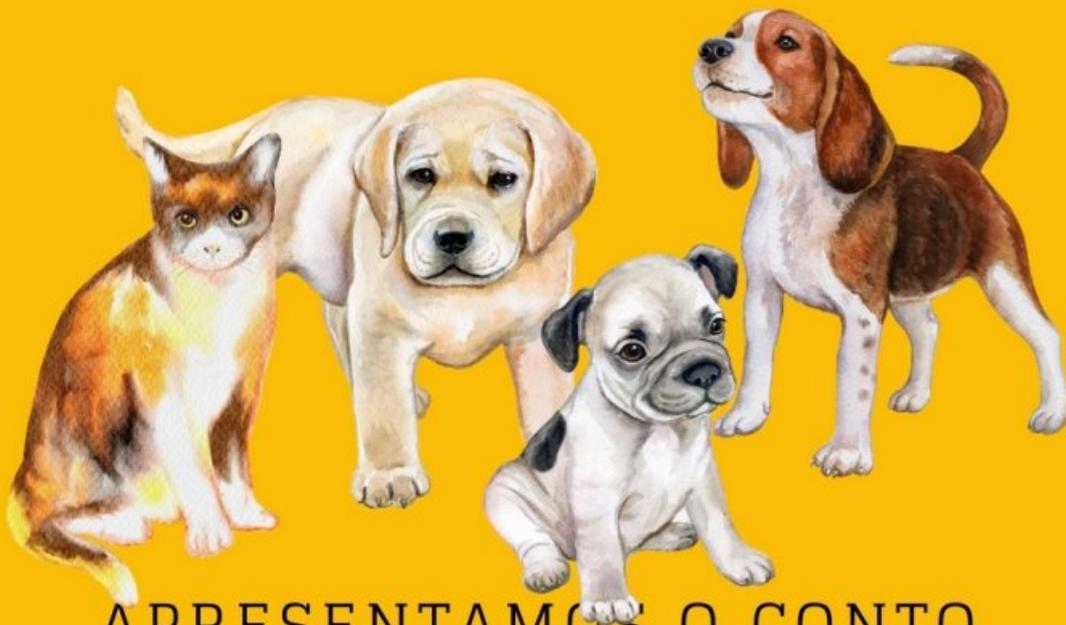
Ela é “maravilhosa”! Possui o pelo mais macio do mundo, parece até que veste casaco de veludo. A sua pele é suave e quentinha. E ela é muito cheirosa à fragrância de lavanda. Parece até que usa amaciante, de tão perfumada que é.

Quando ela aparece para mim, eu abraço carinhosamente o seu corpo, dou mordidinhas no seu pescoço, cheiro o seu pelinho felpudo. Brincamos de esconder embaixo dos lençóis, trocamos carinhos e fazemos muitos planos para o futuro.

A noite passa muito depressa, e logo cedinho, minha mãe aproxima-se, acorda-me, beija-me e diz que precisa arrumar a cama. Nessa hora, estranhamente, ela sacode a minha namoradinha cor de rosa de um lado para o outro, faz várias dobraduras no seu corpo macio e deixa-a guardadinha lá no guarda-roupa, onde ela espera com muita saudade o nosso encontro noturno e amoroso.

E você, tem uma namoradinha como a minha? Ela é de que cor?





APRESENTAMOS O CONTO
A MENINA E A TAMANDUÁ

POR RAIMUNDINHA MELO



DOUTORA E MESTRA EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). BOLSISTA CAPES/BRASIL DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO (PDPG) - PÓS-DOCTORADO ESTRATÉGICO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS (PUC CAMPINAS). GRADUADA EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA E EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA. ESPECIALISTA EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA CRIANÇAS E JOVENS PELA UFPI. PROFESSORA AJUNTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. ESCRITORA.



Num certo dia, um caçador chegou à sua casa com uma pequena tamanduá no patuá. Disse que, somente após atirar na sua mãe, percebeu que ela carregava em suas costas um pequeno filhote.

A menina olhou o bicho e achou estranho. Tinha o corpo peludo, corcunda e um focinho longo e fino, por onde mostrava a língua pontiaguda. Seus olhinhos eram pequenos e repuxados e parecia usar luvas de boxe nas mãos.

A menina gostava de bichos, criava cachorros, bacorins, cabritos, pintinhos, gatos, carneiros, mas jamais havia criado algo igual. Como poderia ser a mãe de um tamanduá?

O bichinho inocente e abandonado olhou-a nos olhos e, nesse momento, ela percebeu que no coração de quem ama os animais sempre cabe mais um filho. Além disso, o que seria daquela criatura indefesa se alguém não se compadecesse da situação?

E foi assim que abraçou e acolheu Elsa. Sim, foi assim que ela nomeou a pequena tamanduá. E logo procurou saber sobre de que se alimentava e quais os seus principais hábitos.

Pequenina e charmosa, Elsa alimentava-se, inicialmente, apenas de leite de vaca. Mas, algumas semanas depois, demonstrou que também apreciava cupins. Por isso, a rotina da menina e do bicho incluía, diariamente, um passeio em um cupinzeiro, onde imaginava estar em um restaurante chinês.

Elsa tinha hábitos noturnos. Durante o dia, além de se alimentar, repousava nas copas das árvores do pomar. À noite, inventava mil e uma artimanhas e peraltices, tirando o sucesso de toda a família. Corria sob o telhado da casa, brincava de pega-pega com os cachorros, picotava a esponja dos colchões.

À medida que Elsa ia crescendo, os problemas só aumentavam. Ela tornava-se cada vez mais teimosa e danada. Destruiu os móveis da casa, rasgava os sacos de alimentos, e a menina protegia a filha rebelde como podia.

Elsa tornou-se uma moça linda, faceira, e cheia de autonomia e charme. Gostava de ir sozinha para o cupinzeiro, onde passava boa parte do dia. Também gostava de passear pelo pomar, tomar banho de sol, e sereno em dias de chuva.

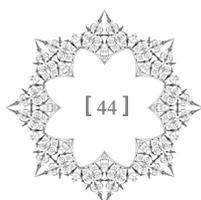
Embora gostasse de tomar banho, andar perfumada e de laço na cabeça, era a vida na natureza o que lhe chamava a atenção. E todos os dias ela conquistava um pouco mais da liberdade que lhe fora roubada pela morte de sua mãe.

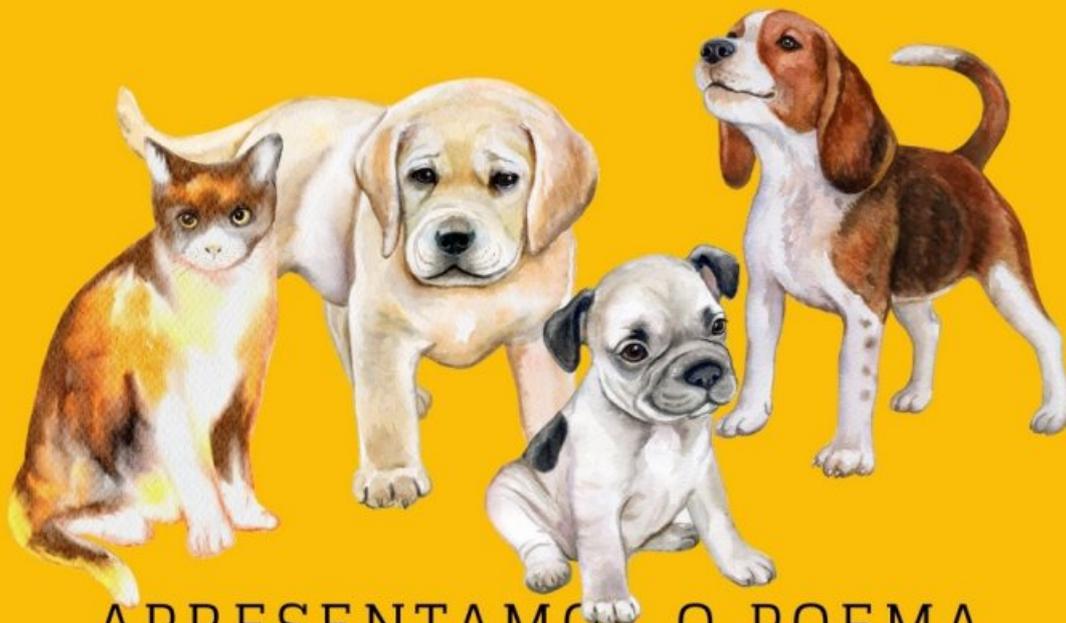
A menina desconfiou que algo estava acontecendo, pois, a cada dia, Elsa estava mais distante, independente e um pouco indiferente. E foi por isso que decidiu segui-la até o cupinzeiro, e, de longe, pode perceber que Elsa já tinha um namorado.

Apesar do ciúme materno, a menina percebeu que Elsa estava feliz, e, por isso, decidiu respeitar a sua nova rotina. Todos os dias, logo após tomar banho de água e perfume, e de usar fita no cabelo, a tamanduá saía para o cupinzeiro, onde se alimentava e encontrava o seu companheiro.

Os passeios foram se intensificando, a duração do tempo dedicado ao namoro também, até que, certo dia, Elsa foi embora com o seu namorado e deixou para a menina o laço que usava na cabeça.

Ao receber o presente, e olhar os rastros de Elsa adentrando a mata com o seu parceiro, a menina chorou de saudade, mas, no fundo, sabia que Elsa era um animal silvestre e que percebeu que havia chegado a hora de fazer a sua escolha e seguir por outro caminho: o caminho da liberdade e de convívio com a natureza.





APRESENTAMOS O POEMA

PAPAGAIO

POR RICARDO FRANÇA DE GUSMÃO



JORNALISTA, PROFESSOR, POETA, E ATIVISTA CULTURAL, RICARDO FRANÇA DE GUSMÃO, 56, DO RIO DE JANEIRO, É DETENTOR DE VÁRIOS PRÊMIOS LITERÁRIOS. CONQUISTOU TRÊS PRÊMIOS DE REPORTAGENS DE DIREITOS HUMANOS, DOIS INTERNACIONAIS (SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA-SIP E MERCOSUL), E UM DE DIMENSÃO NACIONAL. IDEALIZADOR E ORGANIZADOR DOS FESTIVAIS DE POESIA E ARTES POÊTERÊ (TERESÓPOLIS) E POÊTISÁ (NOVA FRIBURGO). CRIADOR DO MOVIMENTO LITRÁRIO JOGÔCRIÔ, EM QUE O POETA CRIA 'JOGOS POÉTICOS' INTERATIVOS E COLETIVOS PARA O PÚBLICO 'JOGAR' E CRIAR POESIA.



Há um bicho de pena da família da *avevoz*
Que conversa de soslaio, verde pássaro tagarela,
Mais conhecido como papagaio
filho da mata brasileira ave-aquarela.

Companheiro de boa conversa a papaguear:

“Olá, bom dia, como vai? Como está?”

Sem papas na língua fala à míngua
Por horas fala feito gente
Como se esse bicho da fala fosse
Gente ao falar *papagaiadamente*.

Sou amigo de um desses
E com ele converso muito,
Nós dois *papafalamos e papasorrimos*
Sobre as mazelas da vida

E os sobressaltos do mundo.
Ele relembra com certo saudosismo
Dos seus tempos na floresta,
Eu confidencio sobre o comunismo
E ele fala da mata em festa.

Certo dia desses o meu amigo papagaio
Tanto *papafalou* que quase teve um desmaio.
Nesse data, eu me lembro,
Era o dia 11 de maio,
O papagaio desconectou lá em sua garganta
O mecanismo da fala
Ou Motorzinho-da-Palavra-Tanta.

Esse dispositivo que nasce nos psitacídeos

Permite que a fala nasça em palavrório
Como se papagaio fosse ave alfabetizada.
É que de tanto falar, esse bicho de penas,

Ficou com uma *papapalavra* engasgada.
Tentou cuspir, tentou tossir e nada
Fazia a tal da frase sair de tão trancada!

Em voo acrobata *papavoou* em cambalhota
E *papaparou* no ar o papagaio
mergulhou em flecha o bico
qual raio
ciscou na espiga
e do milho tirou um tasco
engoliu o grão
e de repente conseguiu desengasgar
soltando um *papapalavrão*
de lascar!

Ao se recuperar do susto
A ave verde voou em completo silêncio
Em linhas verticais sobre a minha expectativa
E pousou em meu ombro em escombros
De nervosismo,
Parapapafalar repentinamente:
“Papagaio quer ser gente”.

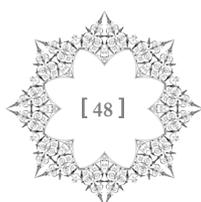
Então falei carinhosamente
E de mansinho, com paparico,
*“Papagaio, para de ficar falando tanto
que palavra engasga bicho de pena.
Para ser gente não basta falar apressadamente.
Pelo contrário, o que caracteriza gente*

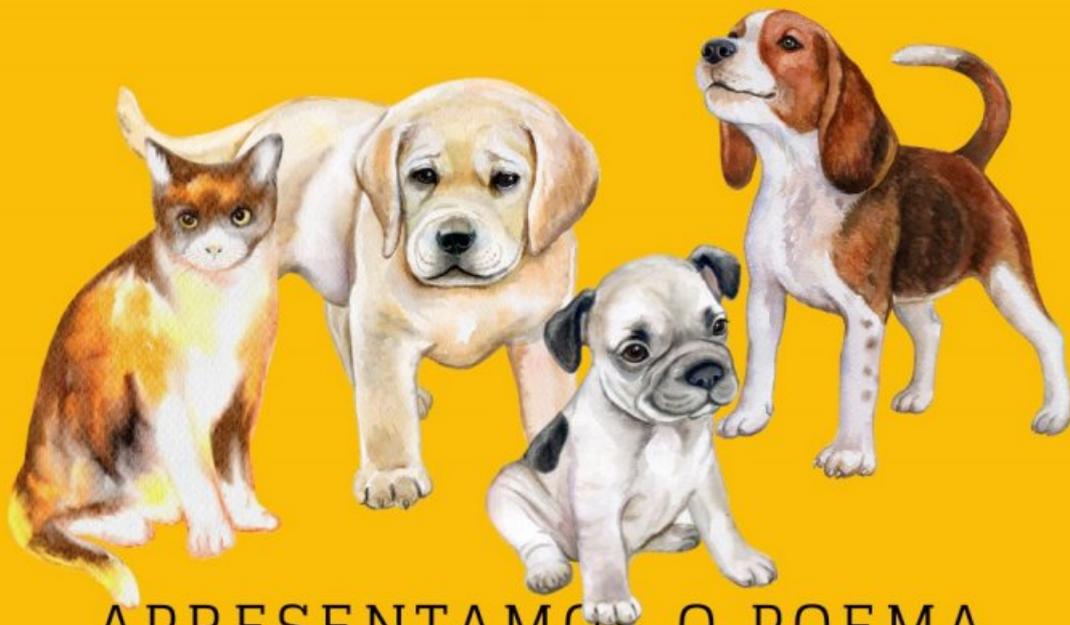
“Não é o que se fala, mas o que se pensa”.

E o papagaio ficou a refletir pela primeira vez
pois queria ser *papagente*
e ficou a pensar a pensar e a pensar
e nunca mais desabrochou desse instante.

Hoje o meu amigo gaio é uma *ave papapensante*
Muito respeitada no meio científico,
é uma descoberta, um diamante.
Não virou gente, mas o papagaio
Ficou com um ar mais inteligente e político.

Hoje ele pertence
a uma categoria especial de *avencantada*
pacientemente trabalhada pelo imaginador do mundo
Para fazer companhia às pessoas solitárias
Especializado em falar muitas vezes
Sobre um mesmo assunto.



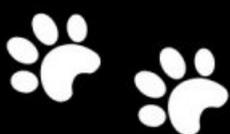


APRESENTAMOS O POEMA
KEI KEI E SUAS EXPLICAÇÕES

POR SELLMA LUANNY



SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Kei Kei e Leng Leng eram duas cadelas da raça Boxer irmãs da mesma ninhada que trouxemos para casa quando tinham três meses de idade.

Logo de início, começamos a observar como duas irmãs caninas podiam ser tão diferentes.

Leng Leng era menor, pelo dourado e com os "padrões" esperados para a raça.

Kei Kei era maior, pelo tigrado, corpo e focinho longos "saindo" dos "padrões" da raça.

Mas, as diferenças entre ambas, iam além do físico - estendiam à inteligência e personalidade.

Leng Leng era brincalhona, chegando ao "estabanado", sendo pouco cuidadosa com tudo - destruía em poucos minutos, quaisquer brinquedos de pano ou plástico/borracha, que ganhava.

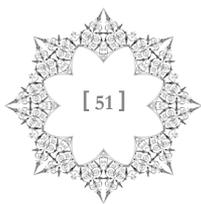
E não perdia tempo com demonstrações de inteligência nem obediência - esta só mesmo quando estava "contida" na trela.

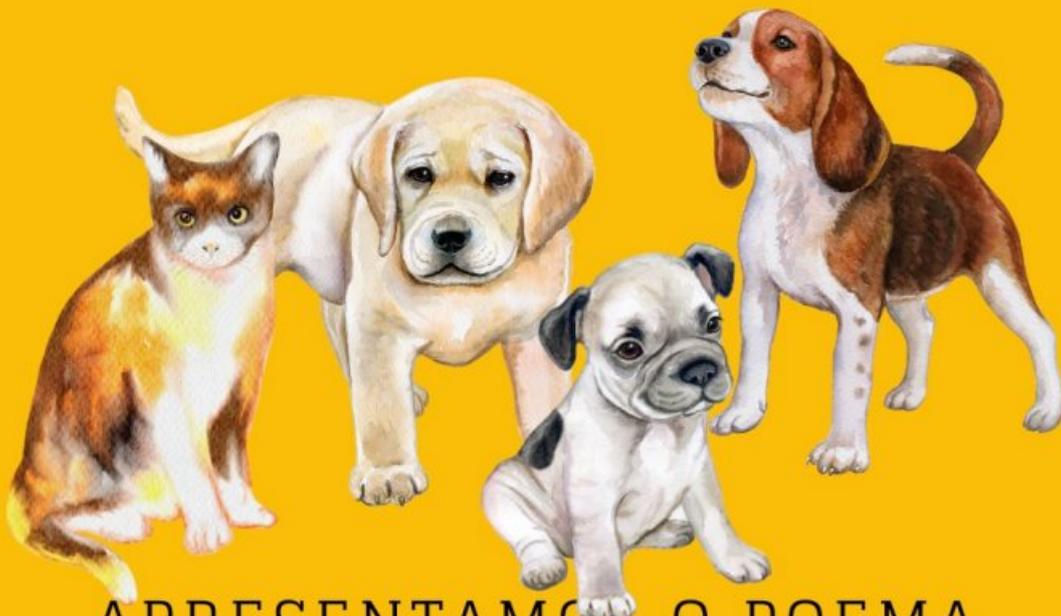
Kei Kei, ao contrário, não era muito brincalhona mas obediente, muito inteligente e supercuidadosa. Não destruía os seus brinquedos mas brincava com eles com toda a delicadeza.

Kei Kei sem qualquer treinamento, tinha desde pequenina duas características marcantes - ela era extremamente gentil e cuidadosa para conosco. Estas características ligadas à sua inteligência, proporcionaram-nos muitas surpresas além de nos trazer conhecimentos sobre os cães, até então desconhecidos da nossa parte. Sempre que ambas eram chamadas à atenção, Kei Kei vinha até nós para se "explicar". E, na maioria das vezes, quando pequena, tentava explicar até alguma trapalhada da Leng Leng. Kei Kei então se aproximava de nós, posicionava-se de lado, com as patas dianteiras apoiadas numa parede o mais alto possível e dava-nos todas as explicações articulando a cabeça e boca e movendo a língua, como se estivesse pronunciando longas frases, sem vocalização, só com o ruído da sua língua - num "lap lap" muito compenetrado.

Depois de adulta, deve ter imaginado que não precisava se estender verticalmente, mas continuou com as longas explicações, às vezes acompanhadas de extensão de uma das patas dianteiras. É claro que não traduzíamos estes gestos em palavras, mas ligados

à ação em causa, davam todo um sentido ao acontecido. Kei Kei era para nós uma constante fonte de "esclarecimentos" e entretenimento. Muito esperta!





APRESENTAMOS O POEMA
KEI KEI E SUA PROVOCAÇÃO

POR SELMA LUANNY



SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Kei Kei e Leng Leng eram duas cadelas Boxer da mesma ninhada.

Irmãs mas com personalidade, inteligência e aspecto físico bem diferentes.

Até os seus quase três anos, tiveram uma vida mais de guarda da nossa casa.

Depois, devido às nossas mudanças, inclusive de país, fomos morar num apartamento duplex e a Kei Kei ficava no andar inferior, onde tínhamos o nosso quarto. A Leng Leng, no andar superior. A Kei Kei podia locomover-se livremente por todos os cômodos, com exceção do banheiro e do "closet".

Na varanda – fechada do exterior por vidro e janelas laterais - a Kei Kei tinha a sua casinha, onde dormia e "guardava" os seus brinquedos.

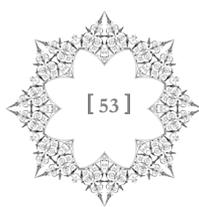
E ela já sabia só com ensinamento oral e gestos, que não podia subir ou encostar na nossa cama, sofá e cadeiras, e nem mexer nas nossas coisas.

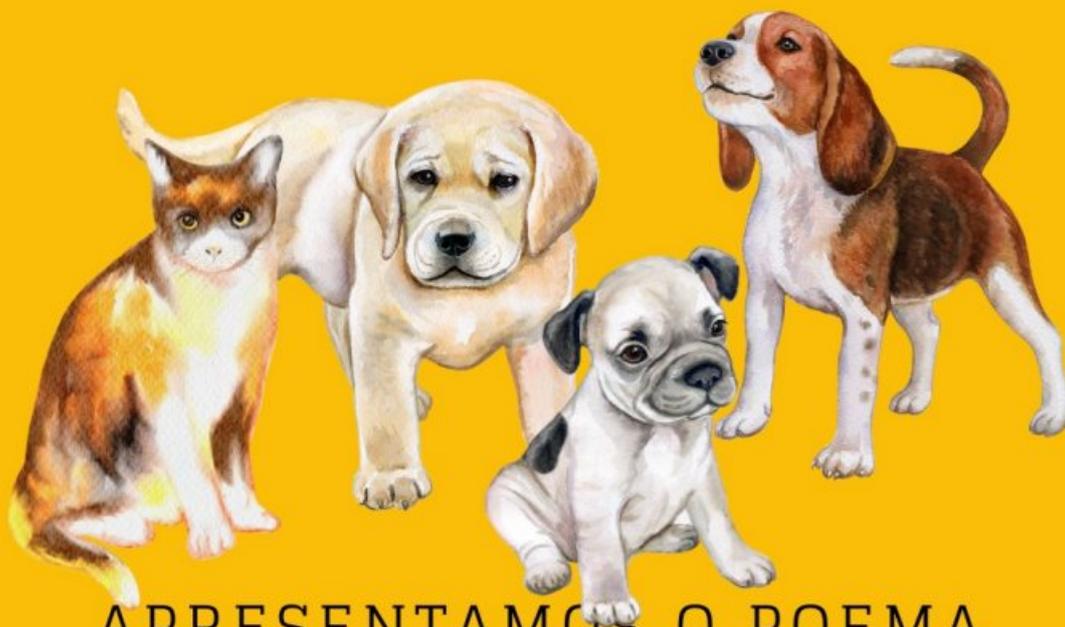
Geralmente, aos finais de semana, depois do almoço, eu costumava recostar na cama e descansar, às vezes assistindo televisão, às vezes lendo ou não fazendo nada.

E então a Kei Kei, com um dos seus brinquedos na boca (frequentemente uma sacolinha de pano, que ela parecia gostar especialmente e que carregava pela alça) vinha se aproximando sorrateiramente - "em câmara lenta" -, sempre olhando para mim.

Devagar, chegava a boca com o seu brinquedo, bem próximo da cama.

Quando estava para encostar na cama, sempre com os olhos fixos nos meus e ouvia a minha repreensão, parava, virava e afastava-se imediatamente, balançando-se toda, com evidentes sinais de satisfação por ter atingido os seus propósitos - provocar-me. Era um divertimento que poucos imaginam que os animais sejam capazes e provavelmente precisam para o seu bem-estar. Nós humanos, evidentemente, não somos os únicos com sentimentos e clara demonstração dos mesmos. É só observar os animais.





APRESENTAMOS O POEMA
KEI KEI E O BEIJA-FLORES

POR SELMA LUANNY



SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Aquele que já foi introduzido a alguma estória envolvendo a Kei Kei, tem conhecimento da esperteza e dominância desta cadela. Ela pensava, decidia e engendrava as suas aventuras. E aqui, vamos a mais uma delas.

Era um final de tarde usual, quando de repente vejo a nossa cadela boxer Kei Kei, passando com certa pressa, a uns 2 metros de distância de mim.

A Kei Kei vinha do jardim da frente da casa, rumo à varanda do fundo e virara a boca grande* mas fechada, para o lado do muro, com a clara intenção de esconder de mim, o que trazia dentro. Mas, consegui entrever uma coisa escura longa e fina (com cerca de uns 3 centímetros de comprimento por meio centímetro de largura) protruindo pela parte frontal daquele bocado.

Então, achei que devia parar a Kei Kei para averiguações e com voz e gestos ameaçadores (que ela respeitava) mandei-a abrir a boca, para investigar o ocorrido.

Para minha surpresa, caiu da sua boca um beija-flor ainda vivo, mas muito frágil e atordoado. Dei uma grande bronca na Kei Kei (para "desencargo de consciência"), peguei o pássaro e com uma seringa (sem agulha), alimentei-o com água açucarada. Coloquei-o então, numa caixa de sapatos, vazia e tampei. Fiz na caixa, vários pequenos orifícios, para que o pássaro pudesse respirar e deixei-o descansar por uma noite, dentro de casa - com a Kei Kei, do lado de fora, é claro!

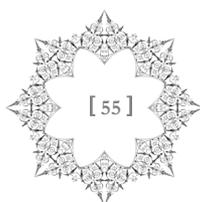
Estive um pouco ansiosa durante a noite, mas sabia que tinha que esperar e dar tempo ao pássaro, para a sua recuperação.

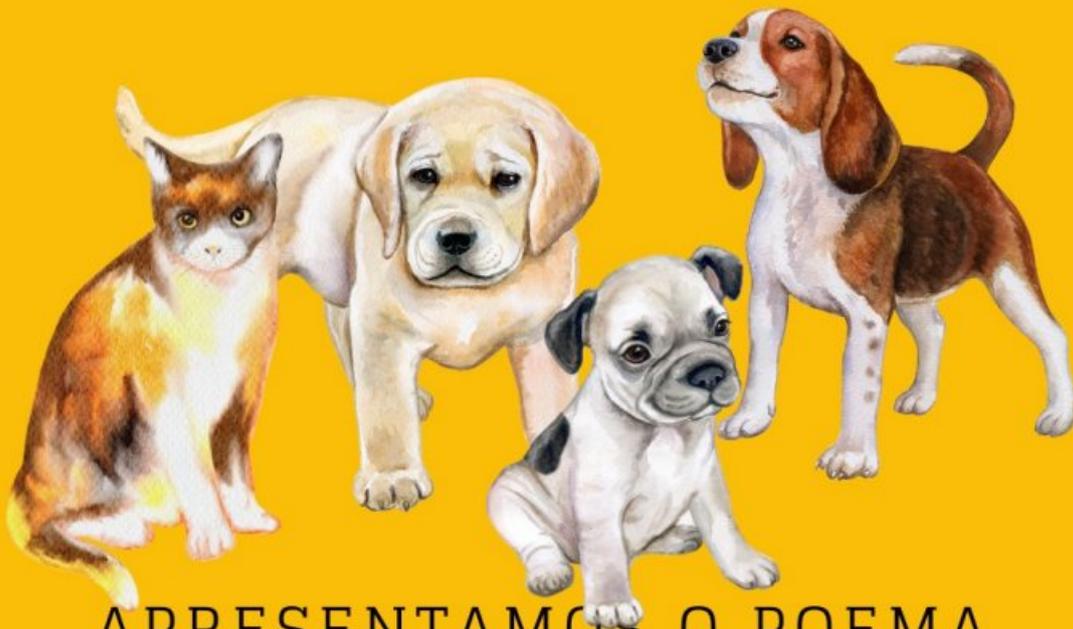
Na manhã seguinte, ao entreabrir a caixa, constatei que o pássaro estava bem ativo.

Levei a caixa para o jardim e, que felicidade mútua!... Um lindo beija-flor com penas coloridas de verde e azul, "brilhantes e metálicas", alçou voo para os céus e bem rapidamente foi embora.

E a Kei Kei estava pronta para qualquer outro desafio - às escondidas, é claro!

**(A raça de cães BOXER é importante nesta estória, para se entender do que uma boca grande e larga é capaz).*





APRESENTAMOS O POEMA
KEI KEI E O JORNALEIRO

POR SELMA LUANNY



SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E PSEUDÔNIMO DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM OS POEMAS "OS CELTAS E EU" E "PELOS POVOS" EM CONCURSOS INTERNACIONAIS. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS E EM EDIÇÕES MENSAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA.



Morávamos numa casa com jardins na sua frente e retaguarda, separados da rua e de um pomar, por muro e portões altos. Estes jardins comunicavam-se por corredores laterais. Havia também uma grande varanda na parte posterior da casa.

Quase diariamente, um jornaleiro trazia a nossa correspondência (mais comumente, jornais e revistas) que colocava numa caixa apropriada, embutida no muro da frente da casa. O jornaleiro enfiava a correspondência na caixa, por um orifício externo e longitudinal. E o meu marido, mais frequentemente que eu, tirava a correspondência por uma porta interna, da tal caixa, virada para o jardim.

Então, ele trazia a papelada, geralmente para a varanda detrás da casa, e deitado numa rede ou recostado numa cadeira de descanso, conferia o recebido e lia o que lhe interessava.

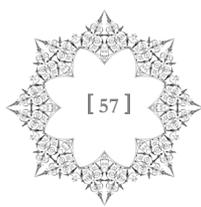
Um dia, as nossas cadelas — Leng Leng e Kei Kei —, ainda filhotonas (com 6 a 8 meses de idade) estavam soltas no jardim da frente da casa.

Neste dia, sabe-se lá se por pressa, o jornaleiro ao invés de colocar uma revista na caixa de correspondência, jogou-a por cima do muro.

Uma das cadelas — a Leng Leng — tinha por hábito, estraçalhar tudo o que lhe interessava ou atraía. A Kei Kei pelo contrário, era extremamente esperta, cuidadosa e — pasmem! — seletiva. Além de tudo, mostrou-se ser a dominante desde cedo e era a primeira a agir.

Naquele dia, sem nunca ter sido ensinada, Kei Kei pegou a revista — é claro pela boca -, e com muito cuidado, levou-a até a varanda do fundo, colocando-a aos pés do seu dono. Eram tais a inteligência e a intuição desta cadela, que só por observar as nossas ações, ela parecia saber o que fazer...

Admirável! Não acham?



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI